



**IROKO KISSELE: ERÓ IROKO ISSÓ, ERÓ!**

coleção orixás

**IROCO**

**"O ORIXÁ DA ÁRVORE E A ÁRVORE ORIXÁ"**

coleção orixás

# IROCO

CLÉO MARTINS E  
ROBERVAL MARINHO

RIO DE JANEIRO

Impresso no Brasil



*Editor:*  
Cristina Fernandes Warth

*Coordenação Editorial:*  
Heloisa Brown

*Coordenação da Coleção:*  
Helena Theodoro

*Revisão Tipográfica:*  
Maria do Rosário Marinho  
Heloisa Brown

*Concepção Gráfica de Capa,  
Miolo e Tratamento das Fotos:*  
Luciana Justiniani

*Edição Eletrônica:*  
Geraldo Garcez Condé

*Fotolitos de Capa:*  
Minion Tipografia

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. RJ.

M342i      Martins, Cléo.  
Iroco: o orixá da árvore e a árvore orixá / Cléo Martins.  
Roberval Marinho [ilustrado por Luciana Justiniani]. — Rio de Janeiro :  
Pallas, 2010.

il. — (Coleção Orixás: 3)  
200p. ; 18cm  
Inclui glossário e bibliografia.  
ISBN 978-85-347-0209-6

I. Iroco (Orixá). 2. Orixás — Culto. I. Marinho, Roberval. II. Título.  
III. Série.

01-1246

CDD 299.67  
CDU 299.62

À memória de  
Mãe Bida de Iemanjá e dos  
Babalorixás Talambê e  
Moacyr de Ogum

Pallas Editora e Distribuidora Ltda.  
Rua Frederico de Albuquerque, 44 e 56 – Higienópolis  
21050-840 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (0xx21) 2270-0186 / 2590-6996  
E-mail: pallas@alternex.com.br  
Home Page: www.pallasseditora.com.br



SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	•	15
<b>PREFÁCIO</b>	•	17
<b>INTRODUÇÃO</b>	•	21
<b>1 IROCO, O SENHOR DE MUITAS ÁRVORES</b>	•	33
<b>2 ÁRVORE ORIXÁ E ORIXÁ DA ÁRVORE</b>	•	39
<b>3 IROCO É VANGUARDEIRO E SABE OLIVIR</b>	•	45
<b>4 IROCO É DE TERRA, FOGO E AR</b>	•	49
<b>5 IROCO SE VESTE DE BRANCO</b>	•	53
<b>6 O TOQUE DO AVANIA</b>	•	61
<b>7 IROCO E LOCO</b>	•	69
<b>8 IROCO E OCÔ</b>	•	77

87	♦	<b>OS FILHOS DE IROCO-LOCO</b>	9
91	♦	<b>ALGUMAS LOCOSIS DA BAHIA</b>	10
99	♦	<b>OUTRAS ÁRVORES ORIXÁS E ORIXÁS DA ÁRVORE</b>	11
107	♦	<b>"É TEMPO ZARÁ! É TEMPO ZARÁ, TEMPO! EILA MANO, EILA CUMPADI!"</b>	12
115	♦	<b>CONTOS DE IFÁ E CONTOS POPULARES SOBRE IROCO E OUTRAS ÁRVORES SAGRADAS:</b>	13
115	♦	POR QUE OXALÁ USA OPAXORÔ	
117	♦	ÁRVORE "VIRA" ORIXÁ, GENTE "VIRA" NO ORIXÁ E ORIXÁ "VIRA" ÁRVORE	
121	♦	COMO NASCEU A ARRUMAÇÃO DO JOGO DE IFÁ	
124	♦	COMO CONSEGUIR MUITOS FILHOS	
128	♦	A LÍNGUA DO PEIXE MATA O PEIXE	
136	♦	A SEPARAÇÃO DO CÉU DA TERRA OU A BRIGA DOS COMPADRES	
139	♦	IROCO É UM SÁBIO CONSELHEIRO	
142	♦	O PODER DE IÁMI SERVE PARA O BEM E PARA O MAL	

HUSO E AMUSO	♦	147
A PALMEIRA DE AZEITE	♦	154
NÃO SE MARCA ENCONTRO NO IROCO DE NOITE	♦	160
AS ÁRVORES SAGRADAS CAMINHAM DE NOITE E CONVERSAM	♦	162
QUEM PROMETE A IROCO DEVE CUMPRIR, SENÃO...	♦	166
OS CADÁVERES ERAM DEPOSITADOS NO IROCO	♦	168
ORUMILÁ MOROU NO IROCO	♦	170
A CRIANÇA RECÉM-NASCIDA	♦	172

<b>14 PALAVRAS FINAIS</b>	♦	177
---------------------------	---	-----

<b>GLOSSÁRIO</b>	♦	181
------------------	---	-----

<b>BIBLIOGRAFIA</b>	♦	193
---------------------	---	-----

---

## APRESENTAÇÃO

A coleção Orixás, ao lidar com as dimensões de sagrado, do ritual e do lúdico dentro da tradição negro-africana, busca evidenciar como o mistério e o maravilhoso são aspectos da vida social que caracterizam as raízes profundas da existência coletiva, já que o imaginário faz parte das coisas do mundo, lhes dando ordem e sentido.

A cultura negra no Brasil criou estratégias próprias de resistência para uma população que não tem outras armas a não ser sua crença na vida, no poder do existir, na energia de seus orixás, que lhes propicia axé – poder de realização, fazendo com que vejam o lúdico como a maneira que o grupo encontrou para enfrentar o trágico ou para cumprir o destino. Assim, o negro reza tocando, cantando, dançando, comendo, usando o seu imaginário para lidar com mitos e ritos que permitem a continuidade do existir da comunidade-terreiro, que funcionam como limites que distinguem a tradição cultural negra da tradição cultural branca, estabelecendo, ao mesmo tempo, o intercâmbio entre o tempo e o espaço do terreiro e o da sociedade global. Tais limites caracterizam o poder de cada um desses contextos sociais.

Muitas são as religiões de base africana recriadas no Brasil, tendo como origem os grupos banto, jeje e nagô. Segundo os nagôs, Olórum é a força suprema, estando abaixo dessa força maior, as forças da natureza – os orixás e os espíritos dos antepassados – os

eguns. As forças da natureza podem ser invocadas com o auxílio de objetos (assentamentos) e de verdadeiros altares vivos (pessoas) que têm o privilégio de recebê-las em seu próprio corpo. Cada elemento que constitui o ser humano se deriva de uma entidade de origem (orixá) que lhe transmite suas propriedades materiais e seu significado simbólico, sendo fundamental venerar esta matéria de origem para que se possa prosperar e ter proteção no mundo.

A pesquisa dos vários estudiosos que participam desta coleção, vem buscando mostrar um pouco mais sobre o culto aos orixás, seus significados e importância na preservação da cultura e da identidade dos negros brasileiros. Neste livro sobre *Iroco, o Orixá da Árvore e a Árvore Orixá*, apresentamos o trabalho de Cleofe de Oliveira Martins e Roberval Marinho, que pertencem ao Ilê Axé Opo Afonjá. Nele encontramos informações preciosas sobre Iroco, suas raízes e folhas, plenas de modernidade e de uma sabedoria secular, complementando o que se conhece sobre os orixás, já que são poucas as comunidades-terreiros que o cultuam e muito pouca a literatura a seu respeito. Com muita sensibilidade e dedicação os autores conseguiram nos mostrar o universo e a dinâmica deste orixá, realizando um trabalho de grande valia para todos os estudiosos e praticantes dos cultos de base africana no Brasil.

*Helena Theodoro*

## PREFÁCIO

A publicação de uma obra como esta, em nosso país, é uma forma segura de manutenção da sabedoria de nossos ancestrais, que está sendo diluída pelo fato de nos ter sido passada oralmente. Hoje em dia temos muita coisa escrita, o que não deixa de ser uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que se corta a “pureza original” – muitos escritores interpretam os fatos de forma lastimável –, tudo que se sabe é registrado, o que é bom porque, se não se registra, a tradição pode desaparecer.

O melhor aspecto desta obra é que o que nela existe: “são coisas das divindades africanas” escritas por quem tem compromisso com elas; quem acredita nelas, pratica e luta pela conservação desta nossa religião antiquíssima, séria, eficaz e que, com certeza, responde as nossas necessidades e alivia nossas carências.

Cleofe de Oliveira Martins, “Cléo”, filha de Oiá, *Agbeni Sàngó* desta Casa, onde reside há muitos anos, é uma moça muito devotada e que “entrou de cabeça nos pés do Orixá”. É minha filha-de-santo e, junto com Roberval Marinho, *Lojutogun*, ogã confirmado deste terreiro em minha gestão, lutam pela perfeição e conservação de tudo que é sagrado.

Nos ambientes de candomblé, esta dupla de guerreiros é muito bem recebida. Recentemente, foram os líderes de um grande Festival de Tocadores de Atribaques, realizado aqui no Axé, onde reunimos *alabês*, *xicarangomas* e *huntós* de todas as partes de Salvador. Nesse festival, o alabê Jorge, da Casa Branca do Engenho Velho, conhecido por *Jorge Alabê* e um dos ogãs mais respeitados daquele terreiro, foi bastante homenageado; isso aliviou nosso profundo pesar quando do seu falecimento, ocorrido nove dias após a cerimônia.

É gostoso ver como meus filhos escrevem sobre o orixá Iggí Iroco e sabem contar suas histórias, algumas aprendidas comigo, outras ouvidas de outras bocas e até vindas de Cuba. Posso sentir que Roberval e Cléo conversaram com os mais velhos, mas também não deixaram de lado o que já se escreveu. Encanta-me ver que eles souberam separar o que é sério daquilo que é duvidoso e deve ser esquecido.

Vamos dar um mergulho nas raízes do orixá Iggí, nas suas folhas e em seus galhos; vamos saber o que é ser filho de Loco, simbolizado pelo Iroco. Vamos sentir a força desse orixá; saber quem ele hospeda; conhecer a diferença, nos pequenos detalhes, entre

o verdadeiro Iroco e as outras árvores adaptadas para substituí-la.

Inspirados pelos orixás, meus filhos deixam para vocês um livro que foi feito com muito amor por nossa gente e nossas raízes.

Boa leitura!

*Ilê Axé Opô Afonjá*

*São Gonçalo do Retiro*

*Stella de Oxóssi*

*Ialorixá*

---

## INTRODUÇÃO

Visitem um pé de Iroco. Sentem-se em suas raízes. Sintam o cheiro de suas folhas após as chuvas vespertinas, perto do crepúsculo.

O que é um “pé de Iroco”? É o Orixá da Árvore e a Árvore Orixá e o , a árvore sagrada de vários povos africanos, em particular dos iorubás.

Os povos de língua iorubá, de capital importância para o mundo religioso afro-americano, situam-se na chamada África Ocidental, mais precisamente na metade oriental da Costa dos Escravos, entre Badagry, a Oeste, e o rio Benin, a Leste. Seus principais reinados estão na Nigéria e em parte da República do Benin, no antigo Dahomey, a terra de Dã, a Serpente. O Coronel A. B. Ellis, um dos pioneiros especialistas na cultura iorubá, afirma que, para esse povo, diferentes tipos de árvores são habitadas por espíritos encantados, os quais não são exatamente deuses, mas, sim, entes semelhantes aos elfos da Europa medieval e às hamadriades da Grécia antiga, belíssimas ninfas que nasciam e viviam dentro das árvores.

respondendo pelo destino de suas moradas, premiando e castigando os humanos, conforme seu comportamento.

Vemos assim que o culto da árvore é muito antigo e está presente em várias religiões primordiais, como as tradições dos druidas, as dos antigos gregos e romanos e algumas religiões indígenas. Tendo em vista o estreito liame existente entre a árvore e a natureza, esse é um culto importante ainda hoje, em uma época em que o ser humano fala em ecologia e se preocupa com o futuro do planeta, ameaçado por constantes abusos.

O ser humano é um grande buscador do transcendente, do sentido da vida, da felicidade. A partir do final do século XX, o mundo passa por uma transformação vertiginosa, caleidoscópica. Ninguém quer perder tempo, artigo precioso e desconhecido; as pessoas correm, correm, fazendo-nos lembrar da poesia de Drummond: "E agora, José... José para onde!..." A Internet existe e está aí, colocando à disposição dos interessados milhões de informações rápidas e de difícil assimilação. As crianças nascem entendendo a fala dos computadores

e, passo a passo, os livros de papel vão sendo substituídos pelos visores fascinantes e cada vez mais modernos.

Nós, que alcançamos outras épocas, sentimos saudades das tertúlias, dos serões, das leituras partilhadas, da pipoca em família e do "papo" descansado com os amigos. Por mais que nos tranquemos em apartamentos de cobertura, em aviões, em carros de último tipo e outras facilidades, temos necessidade de colocar a mão e o pé na terra, de sentir o vento no rosto, o calor do fogo, a água, a sombra de árvores, seu frescor, o cheiro do mato orvalhado.

Na passagem para o terceiro milênio, entretanto, alguns valores vão sendo repensados: a visão eurocentrista e antropocentrista já é ultrapassada; homens e mulheres passam a olhar para a natureza com olhos umedecidos, querendo sentir-se parte dela e de todo o Universo; vão modificando conceitos sedimentados, transmitidos por pais, mães e professores; e começam a questionar as religiões das elites, a teologia machista, um Deus que é só pai e que, apesar de infinito, fala somente a língua dos



*Iroco Aládé Oko. Iroco Èwò . Gameleira Branca.  
Ficus religiosa (Welw.) Benth & Hook. No Opô Afonjá.*

poderosos, do sistema opressor e que não liberta, mas acorrenta e complica.

Os orixás, ao contrário, são divindades que convivem com seus filhos, procurando soluções para o dia-a-dia. Para muitos, orixás são deuses e o candomblé é politeísta; para outros, são divindades menores comandadas por Olórum, sincretizado com o Deus judaico-cristão, o que faz do candomblé uma religião monoteísta; há também quem sustente que os orixás são manifestações culturais do Criador de infinitas vozes e faces, em uma expressão mais atual e livre do monoteísmo. Seja como for, diferentemente das religiões patriarcais, há no candomblé orixás femininos e masculinos, orixás-pais, orixás-mães, orixás de água, fogo, ar, árvore, montanha, todos vivos em seus filhos e filhas. O Criador é Criadora, filho e filha, gente, animal, árvore, tudo que existe e muito, muito mais do que a gente pensa e sabe contar. Por essa razão, no candomblé não se tira “uma só folha” de uma árvore sem autorização, sob pena de o transgressor incorrer na ira de Ossâim, a qual será muito maior se a folha for de Iroco, o

*Iggi Olórum*, e a transgressão desnecessária poderá custar caro.

A religião dos orixás é a voz da natureza, contada por um povo excluído por muito tempo e que, por muito tempo, teve vergonha de sua história e de suas raízes africanas. Hoje em dia, ela é a fala do confronto cultural daqueles e daquelas que, por amor, sobrevivência e auto-estima, souberam questionar e lutaram contra todo tipo de lavagem cerebral, sem medo de resistir. A festa dos orixás, realizada nos chamados “barracões” das casas de candomblé, é a maior expressão de suas vozes. A gente come, bebe e celebra o Deus-Deusa da Vida, que se multiplica e se transforma na unidade dentro da diversidade; o importante é a festa que se celebra na contemplação dessa natureza sempre viva, que reúne homens e mulheres, animais, vegetais e minerais em perfeita interação. O sagrado é vivido no cotidiano, e só se vive vivendo; todos precisam de todos, todos dependem uns dos outros e cooperam entre si, pois o ser humano quer ser feliz e a felicidade é aqui e agora.

Gostamos de escrever sobre a árvore sagrada dos iorubás e de outros povos, orixá da Ebome Cidália Soledade Barbosa, a Cidalinha do Gantois, quase septuagenária na época em que foi uma das parceiras deste livro, movida pela preocupação em preservar o culto de seu Pai, o que nos enternece.

Gostamos de lembrar os amigos e amigas do mundo do candomblé, alguns já falecidos, todos formando uma parte importante de nossa História. Muitos deles e delas também foram nossos mestres e mestras, alguns silenciosos, outros e outras mais eloqüentes, gente que gostou e que gosta de viver e de celebrar a vida, e que teve intimidade com um pé de Iroco. Nessa experiência, crescemos no nosso amor pela natureza e por tudo que ela nos traz de sagrado, de belo e de eterno.

Como religiosos, filhos de Mãe Stella de Oxóssi e membros do Axé Opô Afonjá, terreiro no qual ocupamos os *oiês* de *Agbeni Sàngó*, “aquele que divide a mesma causa”, e ogã do orixá Ogum, o pioneiro, não nos preocupamos em tecer conceitos acadêmicos, mas em transmitir ao leitor a experiência de quase três décadas de vivência diária

no mundo colorido dos candomblés deste Brasil. Optamos por escrever as palavras iorubás “tal qual se falam” (com algumas exceções), para o melhor sabor do som, muito importante numa tradição religiosa, na qual a música é a voz do sagrado e tudo canta.

Iroco é o orixá da árvore e a árvore orixá. É bonito, dá sombra, silêncio e paz; ajuda-nos a escutar a voz do tempo e a querer cantar a música de Caymmi, *Oba Onikowiyi* do Opô Afonjá:

“Vamos chamar o vento, vamos chamar o vento...”

Nada melhor que “chamar o vento” ao pé de uma árvore Iroco centenária e sentir a História no rosto. Para se chamar o vento, é preciso usar a linguagem do amor; o vento envolve árvores diferentes, de todos os tipos e lugares, mas é sempre o vento.

Visitem um pé de Iroco. Sentem-se em suas raízes. Sintam o cheiro de suas folhas após as chuvas vespertinas, perto do crepúsculo. Mas, lembrem-se: antes das seis horas da tarde!

Chamem o vento com amor, que ele vem. O vento é o vento.

Depois da visita ao pé de Iroco, leiam novamente estas páginas.

Axé.

Ilê Axé Opô Afonjá, novembro de 2001,

25<sup>o</sup> ano de gestão de Mãe Stelia de Oxóssi.

Cléo Martins, *Oyakoromilonã, Agbeni Sôngô* do Ilê Axé Opô Afonjá.



---

## **1 | IROCO, O SENHOR DE MUITAS ÁRVORES**

Iroco é a grande árvore encantada, pai e mãe de tudo que existe no mundo do sagrado; temida, amada e respeitada por aqueles que a conhecem de perto, é a morada de orixás (dos iorubás), voduns (dos fon ou jejes), inquices (dos bantos) e de todos os tipos de espíritos, feiticeiros e bruxas. Para o corte dos galhos de Iroco, é preciso que se façam oferendas e, mesmo assim, nunca se sabe...

Conta a tradição que os furacões e os raios respeitam os Irocos: Iansã, a senhora dos ventos e das

tempestades, poupa todas as “moradas” do orixá da árvore, com quem mantém uma estreita afinidade.

Essa árvore, tão absolutamente sagrada, é chamada pelo povo iorubá de *Iggi Olórum* (árvore do Senhor dos Céus, para muitos o mesmo Deus de Israel e dos cristãos) e só pode ser a expressão do divino: é o Orixá Iroco para os iorubás; o Vodum Loco para os fon do Benin; o Orixá Olorokê para os efás e ijexás; o Inquice Tempo, para grande parte do povo banto. Para o povo jeje-mahi (do Dahomey, atual República do Benin), a árvore sagrada é a morada de Azanaodô (ou Azonnondo), vodum masculino da família de Bessen, o Oxumarê dos iorubás.

O verdadeiro Iroco é uma enorme árvore que existe somente na África; é classificada cientificamente como *Clorophora excelsa*. No Novo Mundo, Iroco escolheu outras moradas sagradas: no Brasil reside geralmente em um tipo de gameleira, a *Ficus religiosa*, que pode viver mais de dois séculos; essa árvore, abundante na Bahia, abriga o orixá e nele se transforma, sendo absolutamente necessária para o culto das divindades afro-brasileiras. Mas não é somente a gameleira que abriga Iroco nos candomblés

brasileiros: em terreiros tradicionais angola do Rio de Janeiro, a exemplo do Tumba Insaba Junçara, Tempo reside nas mangueiras. No Maranhão, o Vodum Loco mora nas cajazeiras.

Lydia Cabrera, filha de Iemanjá iniciada na religião dos orixás e a mais respeitada antropóloga cubana de seu tempo, ressalta que os povos de ascendência banto, em Cuba, chamam a árvore sagrada, residência de suas divindades e ancestrais, por vários nomes que também significam a “casa de Deus”: *Nkunia mabúngu*, *Nángue*, *Gúndu*, *Mamá Ungúndu*, *Naribé*, *Sánda*, *Fiame*, *Nfúmba*, *Máma fúmbe*.

Em Cuba, Iroco é a ceiba, árvore abundante em todo o território do país. Seu nome científico é *Ceiba pentandra*; ela é chamada principalmente de Iroco e Arabá, conforme o local de culto. Cabrera salienta que a ceiba é uma árvore muito temida, a quem o povo presta um grande culto; diz que ninguém se atreve a cortar seus galhos e que um trabalhador pobre prefere “morrer de fome” a procurar briga com essa árvore sagrada. De grande importância na religião cubana, a ceiba é bastante tóxica, a

exemplo da gameleira, cuja seiva tem provocado a morte de muitos trabalhadores desprotegidos. Os cubanos consideram a árvore orixá propriedade de Odudua, morada do mistério e do Orixá Iroco; Aganjú, orixá da família de Xangô, também faz parte dos moradores da ceiba. No sincretismo cubano com os santos católicos, a ceiba é a árvore de Aremu, a Virgem das Mercedes, a Imaculada Conceição, o poder de Deus.

Os terreiros mais antigos da Bahia foram criados pelos descendentes dos iorubás e sempre contam com a necessária presença frondosa de Irocos centenários, como ocorre na Casa Branca do Engenho Velho, no Gantois (Ilê Iamim Axé Iamassê), no Alaketo, no terreiro Oxumarê, no Axé Opô Afonjá e no Axé Oloroquê.

O Axé Oloroquê é um templo da nação de efã; foi fundado pela lendária Maria do Violão (filha de Iroco), sucedida por Cristóvão de Ogum; o terreiro ainda hoje existe graças aos esforços do Babalorixá Valdemiro de Xangô. O patrono da Casa é o Orixá Oloroquê, cultuado pelos povos efã e ijexá, e que é o mesmo Iroco dos terreiros ketu e Loco, dos jejes.

É uma das mais antigas famílias-de-santo brasileiras sob a proteção da árvore orixá.

Mas na Bahia também está presente a tradição jeje: o Candomblé do Bogum foi fundado por Tio Manuel, que tinha o título religioso jeje de *Arrólo* (ou *rólo*), próprio dos filhos de Azanaodô. Contam os mais velhos que Tio Manuel procurou um lugar para estabelecer um culto próprio para os voduns, o que motivou o nascimento do Candomblé do Bogum. Azanaodô, vodum da árvore, foi o primeiro aí cultuado, como patrono do terreiro jeje-mahi mais tradicional de Salvador.

Há um grande Iroco no Sítio do Pai Adão, no Recife; este é um terreiro de origem iorubá, fundado pelos mesmos *bomboxês* descendentes de Oió, na Nigéria, vindos da África e estabelecidos em Salvador, na Bahia. O Sítio, hoje sob a direção do Babalorixá Manoel do Nascimento Costa, filho de Iemanjá e neto consanguíneo de Pai Adão, atrai muitos curiosos que querem ver de perto o maior Iroco brasileiro ainda vivo, existente em um terreiro de candomblé.

O pintor Carybé, falecido em 1997, foi *Obá Onanxocun* do Ilê Axé Opô Afonjá, terreiro sito

no bairro soteropolitano do Cabula e dedicado ao orixá Xangô. O pintor plantou, bem na entrada do terreiro, uma ceiba trazida de Cuba no ano de 1978. Essa ceiba, carinhosamente conhecida como a “árvore de Carybé”, alta e imponente, cheia de espinhos e flores brancas, convive muito bem com os Irocos brasileiros centenários do Opô Afonjá. Atualmente, o Opô Afonjá reverencia a ceiba de Carybé e seu Senhor Azanaodô – que pode aumentar a saúde ou trazer a doença – como uma homenagem ao Candomblé do Bogum, cuja árvore sagrada, plantada por Tio Manuel, caiu há vinte anos... Coisas do sagrado.

## 2

## ÁRVORE ORIXÁ E ORIXÁ DA ÁRVORE

A natureza do Orixá Iroco, na tradição religiosa afro-brasileira, na qual se discute sobre a pureza das nações, é uma das mais delicadas. Para alguns, a árvore é o próprio Orixá Iroco; para outros, é o lugar habitado por este orixá, seu assento. Para muitos, nesta árvore habitam diferentes divindades, a exemplo do Orixá Ocô e de alguns membros das famílias de Ogum e de Xangô, o Senhor do Fogo.

O que se torna bastante claro em seus mitos é que Iroco é simultaneamente orixá da árvore e árvore orixá, na qual residem diversos tipos de encantados:

a árvore se transforma em orixá e o orixá se transforma em árvore. Essa árvore recebe oferendas, interfere na vida das pessoas e ajuda os devotos que lhe prestam homenagens.

O povo iorubá cultua Iroco como uma árvore sagrada; por esse motivo ela é mencionada em vários *itãs* (poemas) de Ifá. Parecem existir, entretanto, áreas específicas para essa prática: Salakó, um dos outrora famosos *babalaôs* de Oió, cujos jogos de Ifá e *meridinlogun* (oráculo composto de dezesseis cauris ou búzios-da-costa) são bastante repetidos pela riqueza dos mitos, afirma que em Oió não há culto para Iroco e Oxumarê, ao contrário de Mekó, localidade próxima, onde os *oluôs* recitam *itans* para essas divindades.

*Iroco kisselê;*

*Eró, Iroco issô, eró...*

A polêmica é grande, tão grande quanto Iroco.

Há quem diga que a árvore só se transforma em residência de encantados após o rito de consagração. Entretanto, sabemos que, embora a árvore em si seja importantíssima para o culto, a presença do orixá transcende, e muito, a qualquer árvore.

A consagração é necessária para que se estabeleçam as responsabilidades religiosas, mas o sagrado preexiste na natureza, como tudo o mais. O *Osa Iggi* (orixá da árvore) chamado Iroco poderá, como vimos, fixar morada em diferentes árvores e não necessariamente no Iroco original do continente africano: todas as suas moradas serão igualmente chamadas de "pés-de-Iroco".

A árvore sagrada é chamada de *Iggi Olórum*, a árvore do Senhor dos Céus, Olodumarê, porque tem raízes aéreas, que vêm do alto. Na mitologia, Iroco é considerado o responsável pela ligação entre céu e terra, em virtude dessas raízes; é a árvore da eternidade, símbolo do próprio tempo. As raízes de Iroco são tão mágicas, que procuram nova vida quando um velho Iroco tomba: vão ao encontro de hospedeiros, que propiciam o nascimento de novos Irocos; daí a existência de mitos que dizem que as "árvores caminham". Efetivamente, as raízes de Iroco *Ficus religiosa* lembram cipós vindos de cima para baixo, que se contorcem e arrastam-se no chão à procura de uma outra árvore (ou parede), junto ao tronco da qual se transformarão no próprio tronco,



Árabá. *Ceiba Petandra* (L.) Gaertn.,  
Bombacaceae (Azanaodô) no Opô Afonjá.

que depois engolirá a árvore hospedeira em um abraço macabro. Essas raízes também são poderosas ameaças para os alicerces das construções: profissionais de engenharia fogem desses Irocos tão turbulentos e ladinos.

Essa árvore sagrada pode ser vista por diferentes ângulos, tão numerosos como o número de suas folhas: é árvore que dá sombra e que protege contra o sol e o calor; árvore que produz seiva venenosa e mortal; abrigo de viajantes e cemitério; símbolo de resistência cultural; árvore que liga o *Orum* (céu) com o *Aiê* (terra); morada de deuses, refúgio de foragidos, de desesperados; local de súplicas e orações, espaço de celebrações, de partilha de comida, local de transformação e de renascimento; lugar de encontro e passagem de mortos; local freqüentado por *Icú*, a morte; árvore-morada de espíritos elevados, casa de bruxos e feiticeiros, do *egbe abicu* (sociedade *abicu*). Os *abicus*, espíritos de crianças marcadas por várias mortes e retornos, reúnem-se no pé de Iroco para brincar e chamar as *crianças-abicus* vivas. Se essas crianças não fizerem *ebó*, os espíritos infantis não lhes darão tranqüilidade até a

morte, o que sempre acontece em tenra idade. Diz a tradição que, quando as crianças-abicu nascem, fazem um pacto com os espíritos-abicu de que logo voltarão para o *orum*. Os pais de abicus dão a seus filhos nomes sugestivos, como *Ariku* (vida longa), *Omokemi* (filho mimado), *Omolayó* (filho da alegria), para que eles se esqueçam do *egbe abicu* e desejem viver pois, se um *abicu* conseguir sobreviver e ficar adulto, viverá muitos anos.

Não se visita um pé de Iroco após às 18 horas, horário-limite para que se façam oferendas a essa árvore orixá: ao escurecer, ela passa a ser local de encontro de feiticeiros e bruxas, de espíritos de todos os tipos. Um ogã do Opô Afonjá, certa vez, foi abraçar o pé de Iroco, situado próximo da Casa de Xangô, após o horário permitido, voltando muito pálido e sem jeito: sentira uma mão sinistra agarrar-lhe o braço...

### IROCO É VANGUARDEIRO E SABE OUVIR

Iroco é o comandante de todas as árvores sagradas, o vanguardeiro; isso o aproxima do Orixá Ogum. Os demais *Osa Iggi* devem-lhe obediência porque só ele é *Iggi Olórum*, a árvore do Senhor do céu. É preciso que falemos e tenhamos boa convivência com essa divindade silenciosa e turbulenta, contemplativa, que mais gosta de ouvir que de falar, generosa e gentil, colérica e terrível, apaixonada e também cruel, mas muito justiceira. Iroco é a árvore da vida e a vida é tudo, aceita tudo e continua sendo.

Nas comunidades religiosas, desde cedo os componentes aprendem a conviver com a árvore orixá e com todo o mistério e poder que ela apresenta. “Seu” Júlio de Oxalá (Pai-pequeno de Roberval), *Ogã* do Axé Opô Afonjá, falecido octogenário em 1987, costumava abraçar Iroco todas as manhãs, alisando seu tronco e suas folhas, em uma comovente manifestação de carinho. Conversava com a árvore de tantas raízes em iorubá, língua de sua gente: “papo” de compadres.

É comum que os membros dos terreiros se encomendem a Iroco todos os dias, pedindo-lhe bênçãos e proteção. Rogam-lhe trabalho, amores, ajuda, tranquilidade, proteção contra a maldade e a injustiça social; pedem que Iroco lhes dê vida longa e as livre dos inimigos.

Existem adeptos que “vão ao pé de Iroco” para lhe implorar fertilidade e potência sexual, o que também é um dos grandes e especiais atributos do Orixá Xangô, com quem Iroco mantém forte afinidade.

Pessoas vão até Iroco para pedir-lhe filhos e implorar que os rebentos retornados, os *abicus*, permaneçam desta vez na terra, pois Iroco dá proteção ao *egbe abicu* e também ajuda a libertar as crianças-

abicu da tirania dos espíritos infantis. Há também quem vá até Iroco para a prática de feitiçarias, em aliança com as terríveis *e/eiés*, bruxas sem coração que se transformam em pássaros.

Iroco é, por excelência, a morada dos ancestrais, o que o torna semelhante a *idacô* (o bambuzal), residência de Oxoguiã e local de celebração do culto dos eguns. Vários tipos de ancestrais moram nessas árvores, em especial os bons espíritos; partes de alimentos sagrados são colocadas nos Irocos, para que os seus habitantes possam banquetear-se.

“Iroco não tem casa. Até Exu tem casa, mas Iroco mora é no tempo. A gente canta e dança o avania, a marcha de Iroco, para comemorar a volta dele para o lado dos orixás. Antes ele estava é “bandeado” somente com os *ajés*! Quem é que pode com Iroco? Iroco não é fácil!...” – diz a sábia Locossi, Ebome Cidália Soledade Barboza, do Candomblé do Gantois.

Iroco é o orixá patrono da liberdade, porque mora “no tempo” e detesta espaços fechados e muros ao seu redor. É belo, dá sombra e testemunha a eternidade, chamando-nos à festa da vida e ao respeito à natureza.

---

## 4 | IROCO É DE TERRA, FOGO E AR

Iroco é um orixá que pertence aos elementos terra, fogo e ar, o que o torna bastante complexo.

A árvore sagrada é plantada na terra, tem raízes aéreas (liga os mundos "pelo ar") e, conforme veremos nos mitos, propicia a continuidade da vida; é responsável pela "ligação e separação" entre terra e céu, é a ponte entre os mundos tonal e nagüal, nos dizeres de Castañeda, autor de *Erva do Diabo...*

Pelo "elemento terra", Iroco se identifica com os Orixás Ogum, o pioneiro abridor dos caminhos; Obaluaíê, senhor da saúde e das doenças; Oxóssi, o

caçador; e Ossâim, patrono das plantas e seus mistérios, o curandeiro. Estes são considerados *Orixás Ibô*, porque vivem nas florestas. Iroco também é *Orixá Ibô* porque tem algumas semelhanças com os referidos orixás.

Ogum é o orixá vanguardeiro, desbravador, inventor, engenheiro, patrono da inteligência e de “tudo quanto é tipo de guerra”, condição que divide com Obá, a belicosa... Há mitos que atribuem também a Iroco a condição de pioneiro e abridor de caminhos. A dança do avania (a marcha de Iroco) relata o trajeto do nosso herói pelo *Aiê*: o que viu, o que ouviu, seus amores, as guerras de que participou e seu retorno, em triunfo, vitorioso, para ficar em seu posto de honra, a árvore sagrada.

Veremos outros mitos nos quais *Osa Iggi* aparece como o cemitério (forma como era usado na África, como já vimos); isso o aproxima de Xapanã, grande senhor do elemento terra, o “dono” das necrópoles. Os familiares de mortos costumavam, na África, colocar os cadáveres dos parentes nos grandes orifícios dos baobás e dos Irocos africanos, o que, mesmo tornando-se com o tempo impraticável, deu a Iroco o

apelido de “árvore-cemitério”. O ritual fúnebre chamado *axexê*, do original *ajejê* (vigília do caçador), teve lugar, inicialmente, em um pé de Iroco.

Iroco é também o orixá da cura, responsável pela saúde; mas pode causar doenças (leucemia e hemofilia), o que é mister de Obaluaiê; ele ajuda as mulheres a engravidar (atributo de Oxum, senhora das águas doces), mas também faz a menstruação aparecer fora da época.

A ligação de Iroco com o “elemento ar” fica clara em sua relação com os espíritos e com os mistérios. *Iansã*, a Senhora absoluta do ar, transporta os espíritos do *Aiê* para o *Orum* e aquieta os espíritos-abicus, o que estabelece entre ela e Iroco uma forte cumplicidade. *Euá*, a senhora das possibilidades, é considerada uma feiticeira guerreira e destemida, que tem o dom de se tornar invisível; como relata um mito, *Euá* possibilitou a Iroco desenvolver seus poderes. Iroco ainda é aparentado com os orixás da família de Obatalá, o que pode ser visto em outro mito.

A identificação de Iroco com o “elemento fogo” é feita pelo tipo vigoroso de seus filhos, por seu caráter apaixonado e sensual, o temperamento turbulen-

to, a agressividade, a capacidade de liderança e o gênio imperioso e prepotente; sabemos o quanto Iroco é poderoso. Tudo isso o aproxima de Xangô e mais uma vez de sua esposa Iansã, o aspecto feminino do fogo. Há orixás da família de Xangô que moram no Iroco, da mesma forma que alguns voduns da família de Bessen, a serpente sagrada, que une o princípio de tudo com o fim, num eterno recomeço.

Muitos religiosos do candomblé dizem que Iroco é um irmão de Xangô e, mesmo, uma qualidade de Xangô; entretanto, no Opô Afonjá, Casa de Xangô, Iroco é considerado membro da família de Omolu. Da mesma forma, o Inquice Tempo é da família do Inquice Cavungo, o Obaluaiê do povo ketu.

## 5 | IROCO SE VESTE DE BRANCO

As cores são ligadas a elementos das mais variadas procedências. O vermelho, por exemplo, é fogo, calor, paixão, guerra, fúria, orgasmo, violência, sangue de animais, menstruação, *epô* (azeite-de-dendê), *osum* (pó vegetal vermelho de origem africana). Iansã, a mais temperamental dos Orixás, é a senhora do vermelho, embora prefira o uso de tons derivados (rosa, laranja, lilás); outra não poderia ser a cor de Iansã, senhora dos ventos, das tempestades e da paixão, que é “muito mais brava que o marido Xangô”. Iansã usa contas marrons, chamadas popularmente de

“cabocas” (caboclas); já Xangô se apresenta com colares feitos de contas marrons e brancas, alternadas, com exceção de Airá, que usa contas brancas rajadas de vermelho ou marrom.

Ogum, o guerreiro decano da família de Oxóssi, é o Senhor do verde, sua cor nos terreiros ketu da Bahia, em virtude da intimidade do orixá com as profundezas das florestas, e também por ser o verde considerado a cor da guerra; mas existe um orixá da família de Ogum que usa contas azuis-escuras, por se identificar muito com o elemento água. Ossâim, também morador das matas, gosta de colares de contas verdes, rajadas de marrom ou amarelo.

No culto dos Babás *egungum*, ancestrais masculinos que, após vários rituais, retornam à terra para ver e participar de perto da vida de seus descendentes, há o predomínio das cores vivas, porque os *egunguns* são uma espécie particularíssima de ancestrais.

A cor branca é o equilíbrio, a saliva, o sêmen, o suor, o “sangue” do *ibi* (tipo de caracol, o animal por excelência de Oxalá), o *ori* ou limo-da-costa (espécie de gordura vegetal), o *efum* (tipo de giz afri-

cano), a seiva das árvores. O branco é a soma de todas as cores; a luz, a cor que se adota nas iniciações, no nascimento espiritual; mas também é a cor do luto usada nos *axexês*, *sirruns* e *mucondos*; é a cor usada no *bori* (adoração da própria cabeça) e nos demais ritos de passagem; leva ao equilíbrio, à calma, à paz.

A tradição nos ensina que em todas as famílias de orixás existe uma qualidade que preferirá a cor branca. Essas divindades são as mais ligadas ao culto dos ancestrais e ao poder de transformação. Os leigos não ignoram a existência de uma qualidade popular de *lansã*, diretamente ligada aos espíritos, que adota a cor branca, o mesmo se podendo dizer sobre qualidades de Ogum, Obaluaíê, Oxóssi, Xangô e Oxumarê.

Diversamente do que se pensa, os orixás ligados ao branco (com exceção de Oxalá, orixá *funfum* por excelência) são os mais turbulentos. Xangô usa vermelho e branco justamente por causa disso: “Que seriam dos desafetos do Senhor do Fogo se este apenas se trajasse de vermelho, durante um dos seus acessos de fúria?!”



*Iroco sendo vestido. Babalorixá Valdir de Odé e Logunci  
(filhos-de-santo de Ebone Cidália). Gamo (Gantois).*

Iroco se veste sempre de branco; isso mostra sua relação com o mundo dos ancestrais, o que ocorre com quase todos os demais orixás das árvores. Iroco-Loço usa essa cor também porque suas fortes e muitas vezes violentas energias devem ficar contidas, equilibradas. O Vodum Loço também se traja de branco, assim como Oloroquê que, quando manifestado, dança envolto em um lençol, lembrando-nos o ojá que enfeita a árvore. Tempo foge à regra: usa roupas coloridas, o que o diferencia dos demais *Osa Iggi*. Claude Lepine diz que Iroco pode usar também azul-claro, verde-claro, vermelho e verde-escuro; mas a experiência nos tem demonstrado que o orixá da árvore adota a cor branca nos Candomblés do Engenho Velho, Gantois, Opô Afonjá, Oloroquê, Oxumarê e Alaketu.

Os orixás conhecidos, no Opô Afonjá, como da “Casa de Babá” (diminutivo carinhoso de Babaluaê) usam contas rajadas (ou riscadas), as preferidas dos Voduns: Omolu as usa marrons, riscadas de preto; Oxumarê, amarelas, rajadas de preto, ou verdes, rajadas de amarelo; Euá, amarelas, rajadas de vermelho; Nanã, brancas, rajadas de azul. O Vodum Bessen

usa colares de contas verdes, riscadas de amarelo, idênticas às escolhidas por Ossâim, no ketu. As contas (colares) de Iroco são verde-escuras com riscos marrons ou acinzentadas, feitas de porcelana e cristal: o verde é a cor das folhas, da vegetação; o marrom-escuro é um tom derivado do vermelho, cor de paixão, guerra, transformação e violência.

Os orixás da família de Babá também usam palha-da-costa e búzios em abundância, o que é característico dos voduns. Os búzios representam dinheiro, riqueza, opulência, fartura; a palha-da-costa, a intimidade do orixá com o mistério e com o elemento terra, o controle sobre feiticeiros, bruxas e maus espíritos, que também habitam seus domínios e temem a palha-da-costa. Tanto no Gantois como no Alaketu, Iroco usa duas correntes a tiracolô e pulseiras de palha-da-costa enfeitadas com muitos búzios.

Cabrera diz que, em Cuba, o orixá dança com um bastão revestido de contas vermelhas e brancas, as cores do Senhor do fogo. No Gantois, Loco dança segurando um galho de folhas da árvore Iroco (*Ficus religiosa*). No Alaketu, ele se apresenta com uma

lança de madeira, em formato fálico, com duas cabças adornadas por búzios; essa ferramenta demonstra a semelhança de Iroco com o Orixá Ocô, orixá da fertilidade sobre o qual falaremos adiante.

O número de Iroco é o doze, também o número de Xangô. Embora “fique no tempo”, seu dia de culto, no Opô Afonjá, é a segunda-feira, junto com os outros orixás da Casa de Omolu, da qual, como já vimos, é considerado membro. É cultuado na terça-feira, nos terreiros Gantois e Oxumarê, e na quarta-feira, no Alaketu.

Iroco come bem: gosta de bodes, galos, conquéns, pombos, farofa-de-dendê, muito milho branco, açaças e especialmente de amalá (guisado de quiabos, temperado com dendê, cebola, camarão seco e pimenta) que, segundo a Locossi Cidália, deve ser preparado com quiabos de “cinco quinas”, bojudos e finos. É o dono do *otim* (cachaça), indispensável em suas oferendas, bebida que deve ser evitada pelos *locossis*.

O Orixá da Árvore é assentado, em algumas Casas, em uma gamela de madeira vermelha-escura, o que o aproxima, também, do Orixá Xangô.

No Candomblé do Gantois não existem assentos para Iroco, exceto uma quartinha de barro, com água, vestida de branco, que deve ser colocada ao pé da árvore.

Na obrigação anual, Iroco recebe uma imensa tira de morim branco, chamada *ojá*, a qual, formando um laço, envolve a árvore orixá como um abraço gigante; talvez muitos não saibam que Iroco é o Senhor do morim, chamado de “madrasto” pelos mais antigos. O *ojá* de Iroco deve ser colocado apenas por membros do sexo masculino.

## 6 | O TOQUE DO AVANIA\*

A nação dos voduns é a mais rica em coreografia e seus “toques” são belos. A orquestra jeje é composta dos atabaques denominados *rum* (o maior), *rumpi* (o do meio, também popularmente chamado de “contra-rum”) e *lê* (o menor). Estes instrumentos são tocados por intermédio dos *aguidavis*, varetas feitas de galhos, geralmente de goiabeira. O rum é tocado com um aguidavi; o rumpi e o lê, com dois. Os terreiros de origem bantu não usam

\* Lê-se “avania.”

*aguidavis*, o que também acontece nos terreiros da nação ijexá, como o do lendário Eduardo Mangabeira, Eduardo Ijexá, de Logunedé, falecido com mais de cem anos.

Há também o *gã* (*agogô*), instrumento que marca o compasso para os atabaques. Antigamente, todas as casas ketu usavam um quinto instrumento, o *xequeré*, uma cabaça coberta de contas, que produz um som semelhante ao do chocalho. Os *ilus-batá*, que são pendurados por uma corrente de couro e levados pelos tocadores “como se fossem uma bolsa”, são usados no Sítio do Pão Adão, no Recife.

Os terreiros ketu tradicionais adotaram a orquestra dos jejes, com a mesma nomenclatura e tudo o mais. As casas de tradição iorubá, a exemplo do Engenho Velho, incorporaram também o toque e a dança do avania, o que nos faz concordar com o mito de Iroco quando ele diz que “não existe nação pura”. O pensamento que defende a nação pura é ingênuo, proselitista e sectarista, além de impraticável porque, como vimos, a orquestra utilizada por todos os terreiros de candomblé da Bahia é basicamente a jeje.

*Vidê runtó, euá; euá á ze ê ê;*  
*laguidavi runtó, euá, no azê, ê...*

O toque de atabaques mais importante da nação jeje é o avania, também conhecido por arramunha, vramunha, arrania, avamunha. O avania é sempre tocado (e dançado) em momentos litúrgicos decisivos: para as *voduncis* entrarem no barracão; antes do *adarrum*, que é a grande chamada dos voduns; para os voduns dançarem, fazendo festa; ao irem embora e quando as *voduncis* se despedem dos participantes da celebração.

O avania pertence a Iroco-Loço e é dançado pelos orixás da família de Omolu (Oxumarê, Euá, Nanã...). Conta a tradição que Iroco dançou o mencionado toque quando voltava da guerra, passando definitivamente para o lado dos orixás... Antes, ele era “arruaceiro, metido com tudo quanto é tipo de gente ruim” – nos dizeres de Ebome Cidália.

Para marcar e comemorar sua passagem para o lado dos demais encantados, Iroco dança uma coreografia de aproximadamente dezessete passos diferentes, uma das mais complexas que conhece-

mos. Certa vez, em São Paulo, na residência do amigo Babalorixá Valdemiro de Xangô, no Bom-Retiro, perguntamos ao festejado tocador Edinho Carrapato (do Gantois, grande escola de tocadores), qual era o toque de atabaque mais difícil e ele disse, sem hesitar: o avania.

Iroco é um orixá alegre, valente, decidido, apaixonado, afetuoso, comilão, brigão e demonstra tudo isso na mencionada dança, na marcha em que conta suas aventuras, seus amores, suas comidas e bebidas, suas andanças pelo mundo, suas guerras e o retorno para o seu lugar; o avania faz de Iroco o grande dançarino dos orixás, ao lado de Oxumarê-Bessen e Omolu.

#### OS MOVIMENTOS DO AVANIA.

1. A dança começa com gestos compassados de marcha, querendo dizer: "Estou chegando!"
2. Iroco-Loco faz movimentos de braços abertos, para ambos os lados, alternadamente, dizendo: "Cheguei!"

3. O orixá bate palmas, para o lado direito e o esquerdo, querendo dizer: "Cheguei na casa e peço licença."
4. O orixá encosta o dedo indicador direito na boca, significando: "Vou contar minhas aventuras."
5. O orixá coloca o dedo indicador direito no olho esquerdo e, depois, o esquerdo no olho direito, querendo dizer: "O que vi com dois olhos."
6. O orixá põe o dedo indicador direito na narina esquerda e depois o esquerdo na narina direita, dizendo: "O que cheirei no mundo..."
7. O orixá põe o dedo direito no ouvido esquerdo e o esquerdo no ouvido direito, significando: "O que ouvi no mundo."
8. O orixá aponta para o coração, com o indicador direito, querendo dizer: "Os amores que tive."
9. O orixá estende as palmas das mãos para a frente e, depois, mostra a frente das mãos, em gestos enérgicos, indo para o lado oposto e

retornando, como quem diz: "Cruzei o mundo de Norte a Sul."

10. O orixá faz o mesmo movimento, em sentido diagonal, significando: "Cruzei de Leste a Oeste."

11. O orixá faz o mesmo movimento, para o lado esquerdo, indicando: "Cruzei todos os lados do mundo, sem exceção."

12. O orixá faz o mesmo movimento, para o lado direito, dizendo: "Cruzei todos os lados do mundo, sem exceção."

13. O orixá faz gestos de cortar com uma espada, significando: "Participei das guerras do mundo."

14. O orixá marca o ritmo com o pé esquerdo, jogando a mão direita, fechada para o lado esquerdo e a esquerda para o lado direito, como quem diz: "Eu me transformo em árvore e me planto no chão."

15. O orixá bate na terra, com a mão direita no lado esquerdo e com a esquerda no lado direito, significando: "Este foi o chão que escolhi para ficar."

16. O orixá repete o mesmo passo de marcha do início, fazendo sua despedida:

*Arruancetó é da rumbô ê,*

*Vodum é da ruerê,*

*Arruancetó e da rumbô ê,*

*Vodum é dá ruerê!*

---

## **7** | **IROCO E LOCO**

No Tambor de Minas do Maranhão, originário da tradição jeje-mina, Loco é considerado um vodum masculino da família de Keviossô, cuja principal atividade é a proteção contra ventos e tempestades. No Benin, em Oidah, tivemos a possibilidade de ver Loco manifestado em uma de suas sacerdotisas, que carregava na mão direita uma ferramenta usada pelos membros da família de Keviossô, o Xangô dos nagôs: um bastão feito de madeira escura, encimado por uma cabeça de cobra com a boca aberta, da qual saía uma língua em formato de clave de fá. Alguns cânticos

entoados nessa ocasião pareciam ligeiramente semelhantes a alguns ouvidos no Brasil.

A nosso ver, na tradição dos candomblés do Brasil, Iroco é a árvore orixá, a árvore sagrada, que se transforma no Vodum Loco das tradições mahi, mina e savalu, ao ser iniciado em seus filhos. Ebome Cidália, iniciada no Gantois, é conhecida por Locossi e não Irocossi, tal qual Mãe Nicinha, a *Gamo Locossi* do Bogum. Ela chama seu pai Iroco de “pé de orixá”, a árvore sagrada, assentamento de várias famílias de encantados, “residência do Vodum Loco”.

Diversos aspectos do culto das duas divindades mostram que ambas se confundem. Por exemplo, a maior parte dos cânticos para Iroco são de Loco, na tradição jeje, sendo o avania um dos seus principais ritmos.

A saudação de Iroco (o que se grita em sua homenagem) no Candomblé do Gantois é *eró* (calma), para que ele se apresente de forma branda, menos apaixonada, para que venha pacificado. No Axé Opô Afonjá tanto se diz *eró* como *arroboboí*; esta última é a “salva” de Bessen, Dã, o Senhor do povo jeje, e de Oxumarê, o Orixá Ser-

pen-te-Arco-Íris dos iorubás. O inquite bantu Angorô também é cumprimentado de forma idêntica; é assim também que se saúda o Vodum Loco, no Candomblé do Bogum.

Certa vez perguntamos para a Doné Nicinha porque se diz *arroboboí* para Loco, pois pensávamos que esta saudação fosse dita apenas para as divindades-serpentes. Ela nos disse que esta é a saudação principal da nação jeje e pode ser dita para qualquer vodum.

Iroco é considerado, no Axé Opô Afonjá, da família de Omolu, chamada, de brincadeira, pelo povo do Gantois de a “família pacatinha”, porque seus membros são valentes (a tradição diz que tudo que tem a ver com Omolu deve ser dito “ao contrário” para que ele atenda ao pedido...). No referido Axé Opô Afonjá, os orixás da família de Omolu têm um espaço próprio de culto, por serem considerados da nação jeje.

No calendário das festas anuais, começado pelas *Águas de Oxalá*, realizadas na madrugada da última sexta-feira de setembro, a “família pacatinha” tem duas festas importantes: o *Olubajé*, grande banquete de Omolu, que acontece na



*Obrigação de Iroco (Gantois).*

segunda-feira imediatamente posterior à Festa de Ogum; e os *Catorze dias de Omolu* (duas segundas-feiras após o *Olubajê*), dia dedicado particularmente aos orixás Iroco e Apaocá. Essas festas são esplêndidas, graças aos esforços do Ogã de Ossâim Francisco Gonzalez Codes, atual presidente da Sociedade Cruz Santa do Opô Afonjá. Dejas participam todos os filhos de orixás da Casa de Babá, como Socorro, Tiago (*ogã* de Omolu) e Luiza, de Oxumarê; Celina, Elze, Cida, Fernanda, Guilhermina e Conceição, de Nanã; Odaléia e Cristina, de Euá; Deyse (*ajimudá*), Theodora, Marcos, Genivaldo (Gince), Iraíldes, Iraíldinha, Rosângela, Fernando (*alawose*), Iraíldes Pimentel, Raimunda, Lúcia, Luís Carlos, Dalvinha, Dorinha, Isa, Beco (*ogã* de Oxóssi), Darinho (*alabê*) e Sandra (filha da Ebome Detinha), de Omolu; além dos demais *ogãs* da Casa de Omolu (Clyde, Dilson, Henrique, Peu e Valnei); Sandra de Omolu, Núbia, filha de Oxóssi, e Conceição de Nanã são equédes do orixá Omolu e outros membros do Afonjá (o *assobá* Mestre Didi, a *lyamorô* Celina de Oxum).

Em São Gonçalo, Iroco e Apaocá também são reverenciados nos *Catorze dias de Omolu*, por volta de meados de novembro.

A lalorixá Olga de Iansã, *Oiáfumim*, do Alaketu, tem uma grande parte com Iroco desde seu nascimento, e se considera também sua filha. Todos os anos, há nessa casa uma grande festa para Iroco em agosto, na quarta-feira anterior à festa de Iansã. Com o falecimento de Doné Nicinha, é talvez um dos poucos lugares (fora do Gantois) em que Iroco é cultuado com tantas homenagens e vem dançar, para o deleite de todos os participantes.

No Candomblé do Bogum, das venerandas Donés Emiliana Aguessi, Rumaninha de Kpó, Runhó de Sobô e Nicinha (a *Gamo Locossi*, filha do Vodum Loco), chamado *Zogodo Bogum Malê Rundó* (corruptela de *Zogbo do vodoun male houndo*, traduzido por Valdeleir Rego como "o fogo aceso sobre o vodum não pode afastar os adoradores"), Azanaodô é reverenciado no dia 6 de janeiro, em uma festa onde há distribuição de diversos tipos de frutas. Antigamente, a distribuição das frutas de Azanaodô era feita ao pé da árvore; mas, com o passar do tempo, Azanaodô ficou fora dos limites do Candomblé do Bogum, do outro lado da ladeira. Nos tempos atuais, essa distribuição passou a ser feita no barracão do candomblé.

Na festa de Mãe Nicinha, a festa de Loco, realizada também em Janeiro, o vodum da Doné, após dançar bastante na nação jeje (as cantigas eram antigamente entoadas por Badessy, uma vodunci antiga) pedia um alujá de Xangô homenageando a nação ketu. Nessa festa se faziam presentes delegações de vários terreiros da Bahia, a começar pelo povo do Engenho Velho, vizinho do Candomblé do Bogum: para chegar lá, basta subir a ladeira...

---

## 8 | IROCO E OCÔ

Um orixá particularmente ligado a Iroco é Ocô. Este é o padroeiro da agricultura e da fertilidade.

O Orixá Ocô é praticamente desconhecido no Brasil, ao contrário do que ocorre em suas terras de origem, onde não existe um lugarejo sem um templo em homenagem ao Senhor da agricultura. Lá, todos dependem das boas colheitas, haja vista o tipo característico da economia local.

Convencionou-se dizer que Ocô não foi cultuado na diáspora, em virtude da escravidão dos africanos. Não sabemos se esta hipótese pode ser demonstrada

com tanta facilidade assim; a convivência entre povos africanos de diferentes procedências e as prováveis assimilações culturais fizeram surgir novos ritos e religiões. Gert Chesi afirma que provavelmente o culto *voodoo*, como é praticado hoje, é um resultado de religiões nascidas na diáspora, com influência do cristianismo e de outras religiões africanas e nativas. Achemos esta tese verossímil e fascinante: ela nos permite interrogar em que ponto termina o culto de Iroco e começa o de Loco, e se Loco e Ocô não se confundem. Iroco apresenta características de muitos orixás e voduns, mas a semelhança com o Orixá Ocô é bastante forte.

Para muitos iniciados e também para pesquisadores, o Orixá Ocô se aproxima muito de Iroco, haja vista a afinidade que ambos têm com a terra, a fartura, a procriação, a floresta, a montanha, a fertilidade em geral e a sexualidade.

Ocô se veste de branco, a exemplo de Iroco, Loco, Oxoguiã (Oxalá jovem e guerreiro) e Egunocô. Quando se manifesta no Alaketu, em especial no dia de lansã, dança segurando um cajado de madeira, o que revela sua ligação com a árvore; leva também

uma espécie de flauta feita de osso, de conotação fálica, que nos faz lembrar a relação de Ocô com a sexualidade e a fertilidade.

Somente temos notícia de culto próprio para este orixá nos candomblés do Opô Afonjá (onde é festejado no dia 11 de julho, 12º dia das festas dedicadas a Xangô) e no Candomblé do Alaketu, onde existe uma filha iniciada para ele, neta carnal de lá Olga, filha de Ebome Jojó.

O dia 11 de julho é o mais bonito das celebrações dedicadas a Xangô, no Opô Afonjá, pelo que representa de sagrado. A *Colabá* (representante de *lamassê*, a mãe de Xangô) sai em procissão da Casa de Xangô, pela porta principal, levando os símbolos mais importantes do orixá em uma bolsa de couro, chamada *labá*, que ela transporta na frente da própria barriga, de maneira maternal e carinhosa. Chegando ao barracão do Axé, o *labá* é exposto para a adoração de todos os filhos e participantes.

Nessa festa, os *obás* de Xangô conduzem uma "charola" (andor) enfeitada com flores e laços que, por sua vez, transporta o *Adê Bayanni*, uma coroa

que deve ser usada principalmente pelos filhos de Dadá. Cantulina Garcia Pacheco, *Airá Tolá*, única *lá Egbe* da Casa, desde a época da fundação, fez 100 anos no ano 2000, quando este livro foi escrito, disse que “antigamente” havia uma senhora africana no Axé, que era iniciada para Dadá; esta senhora dançava com o *Adê Bayanni* na cabeça, no dia dedicado a lamassê, a exemplo do que ainda acontece no Gantois. Vitor Carrera, neto do finado Obá de Xangô Manuel Carrera, é filho de Dadá, mas não é iniciado; participa anualmente da procissão de lamassê, saindo à frente da charola que leva o *Adê*, ao lado da *Agbeni Sângó* e da lalorixá, que está carregando o *ocô de Xangô* (uma ferramenta de madeira, em forma fálica, denominada *Ókó Sângó*, o “pênis de Xangô”).

Nesse mesmo dia, todos os filhos do terreiro oferecem a *Ocô* vários *ojás*, que enfeitam o *ocô* de Xangô. Os *ojás* são arrumados no *ocô* em forma de laços multicoloridos, como um verdadeiro tributo à sexualidade do Senhor do Fogo e tudo que esta implica: procriação, festa, fartura, transformação, continuidade, alegria, poder, saúde e proteção para toda

a Comunidade de Xangô. Vemos, também, a afinidade do Orixá Ocô com Xangô, deste com Iroco e vice-versa...

Transcrevemos a seguir dois importantes itans sobre o orixá Ocô, contados por Salakó, para a melhor compreensão de nosso estudo.

O primeiro foi adivinhado para *Arogegê Ajalá*.  
“O cordão está esticado no arco  
Se ele entra no rio amolece.”

O itã relativo a esta jogada é o seguinte:

1

Eles disseram que ele deveria oferecer sacrifícios por sua impotência.

Qual é a causa de sua impotência?

O que ele deveria oferecer?

Eles disseram que ele deveria dar 32.000 búzios

... dar suas calças

... dar um pombo

... dar uma galinha.

Eles disseram isso de modo que ele pudesse ter sexo com mulheres.

Ele disse: *Eu, por que devo fazer isso?*

Quando chegou o dia em que lhe trouxeram as esposas Arogegê não conseguiu fazer sexo com elas embora eles tenham dado oito esposas a ele.

Ele não podia ter relações com nenhuma delas.

Então ele se foi para a fazenda e entalhou uma tora de madeira como se fosse um pênis e a pendurou contra a parede.

Quando levantava ele se prostrava perante isto ele fazia seu trabalho ele caçava na floresta ele era caçador ele caçou, caçou e depois chegou sua hora de trabalhar na sede.

Eles disseram que ele não voltaria.

Por que não?

Ele disse: *Qualquer um que me chame se quiser ter filhos e que sacrifique para esta rota.*

Agora este é o bastão do Orixá Ocô.

Ele é chamado de orixá que é um pênis, Orixá Ocô

Ajalá foi seu nome e ele chamava Arogege  
O bastão entalhado naqueles dias pendurado na parede é a que nós fazemos sacrifício agora.  
Que nós chamamos Orixá que é um pênis  
Que eles agora chamam Orixá da fazenda, Orixá Ocô.

A segunda jogada foi feita para Aganna, quando ele estava tornando-se chefe de Ocô.

“Gentileza não é recompensada  
Maldade não é retribuída.  
Fazendo gentileza com más intenções  
Causa gentileza para não ser recompensada  
O que eles fazem por um frango que não é recompensado  
Depois de um tempo eles fazem sopa com ele para eles comerem.”

2

O *itã* relativo a essa jogada conta o seguinte:

“Era Aganna, ele era um estranho em Ocô  
Ele foi e fez uma fazenda ao lado da estrada

Se uma mulher passasse por ali, ele dava algo para ela,  
como cereal ou inhame  
Se um homem passasse era o mesmo.  
De um, um, um, Aganna estava fazendo isso.  
Tudo o que ele ganhou, ele deu como um presente.  
Se alguém estava precisando de dinheiro  
Aganna dava.  
Somente as pessoas idosas pegavam títulos.  
Quando começou a existir.  
Quando o chefe de Ocô morreu.  
Eles disseram: 'Quem foi deixado para sucedê-lo?'  
Eles disseram: 'O que acham de Aganna?'  
'Há!' a mulher disse, 'Aganna é aquele que deve ser rei'.  
E eles fizeram de Aganna o chefe de Ocô.  
Aganna tornou-se rico, ele era rico.  
Aganna tornou-se uma pessoa que chamava os outros  
para lhe servir.  
Aganna estava dançando, ele estava alegrando-se  
Ele estava louvando os adivinhos  
E os adivinhos estavam louvando Orixá.  
Que aqueles adivinhos tinham falado a verdade.  
Gentileza não é recompensada.  
Maldade não é retribuída.

Fazendo gentileza com más intenções.  
Causa gentileza para não ser recompensada.  
Maldade não é retribuída.  
Fazendo gentileza com más intenções.  
Causa gentileza para não ser recompensada.  
Maldade não é retribuída.  
Fazendo gentileza com más intenções.  
Causa gentileza para não ser recompensada.  
'O que fazemos com um frango que não é recompensado?  
Depois de um tempo nós fazemos sopa com ele para eles  
comerem.'  
Jogam para Aganna quando ele tornava-se chefe de Ocô.  
O que fez Aganna tornar-se chefe de Ocô e ter dinheiro?  
Gentileza é que fez Aganna tornar-se chefe de Ocô.  
O que fez Aganna tornar-se Chefe de Ocô e ter crianças?  
Gentileza é que fez Aganna tornar-se Chefe de Ocô.  
O que fez Aganna tornar-se Chefe de Ocô e tornar-se rei?  
Gentileza é o que fez Aganna tornar-se Chefe de Ocô.  
O que fez Aganna tornar-se Chefe de Ocô e não o dei-  
xou morrer?  
Gentileza é o que fez Aganna tornar-se chefe de Ocô.  
Orixá diz que bênçãos são o que ele prediz para essas  
pessoas.

Onde nós vemos dois anciãos no tabuleiro

Orixá diz: todas as bênçãos.

“Uma bênção de dinheiro, uma bênção de crianças, uma bênção a uma longa vida.”

É o que ele prediz:

“Esta pessoa não deve parar de fazer gentilezas.

Gentilezas é o que ele deve fazer.”

O povo de Iroco é eloqüente, ciumento, camarada, inteligente, competente, muito ferino, teimoso, turrão e generoso. Gosta de ensinar, de viver, de comer e de beber: o filho de Iroco é excelente cozinheiro, gosta de inventar receitas e de experimentá-las com os amigos. Também adora comemorar o aniversário, é ladino, sensual (se apaixona com facilidade), adora telefonar, dançar, liderar e “não se incomoda de pagar a conta, se tiver dinheiro”.

As pessoas de Iroco têm a inteligência aguda e o pioneirismo de Ogum; o charme e a transgressão



*Símbolo da história de Iroco no Brasil com mais de seis décadas de iniciação. Ebomi Cidália Soledade Barbosa.*

apaixonada de Iansã; a eloquência de Xangô; a teimosia de Oxoguiã; a perspicácia de Oxóssi; a sabedoria de Oxumarê-Bessen e a magia própria que os torna temidos e respeitados.

Iroco está intimamente associado às pernas e ao aparelho respiratório. Seus filhos poderão ter problemas nos referidos membros, além de serem em geral alérgicos ao pó doméstico, a cheiros fortes, a pêlos de animais; por isso preferem ficar ao ar livre.

Os filhos de Iroco não costumam ser esbeltos; são fortes e atarracados. Mãe Nicinha era magra, mas com fortes características físicas dos demais Locossis. O antropólogo Raul Lody, filho e Ogã de Loco (da Doné Nicinha), consegue manter a forma, graças a dietas alimentares e exercícios físicos. Quem conhece Raul, querido amigo, verá que ele tem todas as características ditas acima. Talvez seus leitores, que reconhecem seus dotes de escritor e cientista, não saibam o excelente bailarino que é Raul, que “tem o samba no pé”.

Dotados de senso de justiça agudo e inteligência viva, são amigos queridos e inimigos terríveis, mas têm uma grande facilidade de reconciliação. Não são

vingativos, porque não conseguem guardar as mágoas que sentem por muito tempo: têm de colocá-las para fora, senão explodem!

Os Locossis são extremamente irreverentes, não são conservadores, prezam muito sua liberdade e gostam de diversão. São sempre espirituais, trabalhadores, combativos e eternos apaixonados e, quando envelhecem, tornam-se idosos joviais e divertidos.

Quem tiver segredos, pense duas vezes antes de confiá-los a estes seres superdotados, de olhar penetrante, porque a “língua lhes coça com freqüência”.

## 10 | ALGUMAS LOCOSSIS DA BAHIA

O candomblé da nação jeje – nação dos voduns – têm poucos iniciados, hoje em dia. A feitura de uma *vodunci* dura um ano, muito mais do que a de uma *iaô*, e é uma tradição difícil de ser mantida. “Quem pode ficar sem trabalhar tanto tempo? Quem pode alimentar tanta gente sem trabalho? Antigamente, feijão era barato, mas, hoje, quem pode?” – dizem as velhas tias, assustadas com as transformações vertiginosas. Além dessa dificuldade concreta, a religião dos orixás, voduns e inquices, ao espalhar-se por todo o Brasil e por outros países fronteiriços,

estendeu-se à chamada classe média, nem sempre habituada com a cultura africana e com as complexidades da sua hierarquia, o que dificulta a aceitação das regras de iniciação. Por isso, as verdadeiras iniciações na nação jeje, na atualidade, vão se tornando cada vez mais difíceis e raras; isso, somado ao desaparecimento de importantes líderes, cria uma situação muito triste para a referida tradição.

O jeje sempre foi considerado a nação do segredo, e “*vodunci* é sinônimo de disciplina espiritual e sabedoria”. Mãe Bida de Yemanjá, falecida em 2001, era filha-de-santo de Seu Nezinho de Ogum e Mãe Menininha do Gantois, ialorixá no Rio de Janeiro, tinha 70 anos de iniciada, e afirmava (na forma brejeira que a caracteriza) que, “*vodunci* não sente calor, frio, fome, nem nada... Se uma pessoa está debaixo do maior Sol de verão e um ‘mais velho’ lhe pergunta se está sentindo calor, a pessoa, se for *vodunci*, tem que dizer que o tempo está é muito agradável, fresquinho... Se um *vodunci* estiver muito doente, já com o ‘porrete na mão’, não se agüentando em pé e *vosmecês* perguntam a ele como vai, ele diz que muito bem, obrigado, a saúde está ótima... No dia seguinte, sai o

caixão de defunto, ou a pessoa se levanta da cama completamente curada...!” Os iniciados do jeje são orientados a “não olhar nos olhos das pessoas”, “a falar pouco”, “a dissimular emoções”.

Talvez muitos não saibam que no Gantois, um Candomblé descendente da mais pura tradição iorubá, entenda-se muito de jeje. Isto é real e tem uma explicação. A fundadora do Gantois, Maria Júlia Nazaré, iniciada por Marcelina Oba Tossin, no Engenho Velho, foi casada com Arrólo Manuel, fundador do Bogum. Isto explica a intimidade que o tradicional terreiro *ketu* (Casa da lendária Mãe Menininha, Maria Escolástica Nazaré) tem com os segredos do jeje, legitimando-o para qualquer prática religiosa própria da terra de Dã.

O Engenho Velho teve uma *Locossi*, Madalena, falecida há muito tempo.

As filhas de Euá, orixá considerado a esposa de Iroco, no Gantois, ajudam *Ebome Cidália* e *Glicéria de Oxum* (a *Iarobá* confirmada para Iroco, na época de Mãe Menininha) para que “dê tudo de acordo”, na festa que abala a Bahia, muito esperada pelo povo-de-santo e comentada nos lugares de sua predileção,



*Joana Batista de Sant'Anna - última Gunugui.*

em especial no Restaurante de Alaíde do Feijão, que fica no Pelô, ponto de encontro da gente do Candomblé da Bahia, que gosta de comer feijoada, beber cerveja e saber as novidades.

Antigamente, o povo-de-santo se encontrava nas feiras de São Joaquim e Sete Portas (parecidas com os mercados da Nigéria e Benin) para comprar, “tomar uma”, colocar os assuntos em dia; daí nasceu a famosa “imprensa nagô”: as notícias corriam de “boca-em-boca”. Atualmente, o encontro se dá no restaurante de Alaíde, uma simpática filha de Omolu, grande cozinheira e personalidade querida do povo baiano, tal qual “Maria de São Pedro”, em seu tempo, fundadora de famoso restaurante de comidas típicas, hoje sob a direção de seu filho Luís Domingos, *Obá Telá* do Opô Afonjá.

Matilde Muniz, ialorixá do Axé Oloroquê, era uma Locossi de cadeiras largas, sensual, inteligente, de muita personalidade, “que gostava de alimentar as pessoas e não tinha medo de brigas”... Sua generosidade e seu temperamento são comentados até hoje pelos mais antigos. “Brigava feito homem”, não po-

dia ver ninguém sofrer, dançava muito bem, era bonita, excelente côzinheira, muito trabalhadora e respeitada. Suas belas formas arredondadas deram-lhe o apelido de “Maria Violão” ou “Maria do Violão”.

Mãe Nicinha foi uma das figuras mais impressionantes do Candomblé da Bahia: era inteligente, bem humorada, “gozadora”. Seus olhos vivos e brilhantes chamavam a atenção. Não dava nenhuma importância para a hierarquia; levava em conta, em primeiro lugar, a amizade e a consideração.

Ela e Cidália, ambas *Locossi* e ex-cunhadas, formavam uma categoria de gente à parte.

A Professora Noêmia Muniz, falecida em 1997, foi a única *Locossi* da história do Opô Afonjá. Não era feita-de-santo, mas foi “preparada” por Mãe Aninha, na década de 1930. Era filha do Ogã Tibúrcio Muniz, um dos fundadores da Sociedade Civil “Cruz Santa do Opô Afonjá”, irmã das professoras Aída Margarida de Iansã, *Iyá Siyá* do Axé (mãe-pequena de Cléo) e América de Omolu, professora aposentada da Escola de Belas Artes da Bahia. Todos os anos Tia Noêmia se responsabilizava pelos *ojás* dos Irocos do Terreiro.

Noêmia tinha o jeito e o corpo de Cidália. Era impressionante a semelhança! Apesar de Cidália ser amiga de Aída Muniz não chegou a conhecer Noêmia, que comandava tudo pelo telefone. Preocupava-se com a família (muitos filhos e netos), marido, irmãs, cunhada e toda a “parentela” espiritual. Era inteligente, culta, generosa, carinhosa, mandona, teimosa e muito espiritualizada.

Ebome Cidália é um dos membros mais importantes do Candomblé da Bahia, tendo em vista os vastos conhecimentos acumulados nas nações de ketu, jeje, ijexá e angola. Foi iniciada por Mãe Menininha do Gantois aos sete anos de idade; morou no terreiro “a vida toda”, de lá saindo para se casar. Viúva de um filho de Doné Runhó do Bogum (atualmente casada com o veterano Ogã Lourival, da Casa Branca do Engenho Velho, ogã do Omolu da finada Marica), a mãe e antecessora de Nicinha como Doné do terreiro.

Ebome Cidália é mãe de muitos filhos “carnais” e “espirituais”. Ajudou a “parir” muitos candomblés, a exemplo das casas de Augusto Cesar de Logum, seu irmão-de-santo, e de Waldir de Oxóssi,

---

seu filho-de-santo. Tem participado e dirigido iniciações em diferentes lugares do Brasil; quando este livro estava sendo escrito, era a Locossi viva com mais idade de orixá. Ebome Cidália é muito popular na Bahia e querida pelos “mais novos”, porque gosta de transmitir conhecimentos.

---

## 11 | OUTRAS ÁRVORES ORIXÁS E ORIXÁS DA ÁRVORE

Há muitas árvores orixás e entidades ligadas às árvores, mas todas elas são subordinadas a Iroco, o chefe de todas as árvores da Terra.

Como já vimos, no jeje-mahi, da Bahia, o vodum da árvore é Azanaodô, chamado de Zomadonu no jeje-mina do Maranhão, onde é considerado um vodum masculino adulto, filho de Acoicinacaba, membro da família de Davice – uma das mais importantes famílias da referida tradição (as outras famílias são as de Dambirá, Savaluno e Keviossô).

Zomadonu é o vodum da fundadora do “Que-rebetã”, erguido em sua homenagem e onde ele é festejado a primeiro de janeiro. Neste tradicional terreiro jeje-mina, Keviossô é considerado um “vodum do lado dos nagôs”, chefe de toda uma família de voduns estrangeiros, que não falam, para não trair os segredos da nação. No Bogum não há o vodum Keviossô – o Hebioso dos cubanos – mas voduns que, no jeje-mina, são da família de Keviossô, a exemplo de Badé e Sobô, voduns masculinos, considerados por alguns como qualidades de Xangô. Sobô é o vodum de Doné Runhó, que morreu centenária. Na tradição mina, Sobô é considerado um vodum feminino, semelhante à Oiá-lansã dos iorubás.

Mãe Stella e Cléo fizeram uma viagem ao Benin, na companhia de uma sacerdotisa veterana da Casa das Minas, D. Celeste, filha de um vodum masculino chamado Averequete, muito popular na referida região africana, e que, no Maranhão é da família de Keviossô. Averequete é filho de Sobô, muito parecida com a Oiá-lansã dos iorubás, a ponto de D. Celeste dizer toda hora para Cléo, filha de lansã – a quem chamava carinhosamente “minha mãe”: – “Calma, Sobô!”.

Existem outras árvores, cujos cultos são associados a diferentes orixás, voduns ou inquices. Podemos citar a *apaoca* (*Spondias lutea*), residência de uma qualidade de lemanjá, que, para alguns, é a mãe de Oxóssi; o *odóm* ou *òpòtó* (*Ficus capensis*); o *akókò* ou árvore do dinheiro (*Newboldia laevis*), atribuída a Xangô; o *àtòrì* (*Glyphea lateriflora*), indispensável para o culto de Oxoguiã; o *ibepe* (*Carica papaya*), o *osè*, o *baobá* (*Adansonia digitata*), o *pé-de-obi* (*Cola cuminata*), o *iyeyè* (*Lophira alata*), o *awùsà* (*Tetracarpidium conophorum*) e o *iggí òpé*, árvore de Ogum, que só se veste com suas folhas.

Damos um destaque especial a *idacô*, o bambuzal (*Oxitenantera abyssinica*), residência de um orixá da família de Oxoguiã, cultuado pelo povo efã e conhecido no Candomblé do Engenho Velho (Axé lá Nassô Oká) por Dankô, orixá da lalorixá Massi, falecida centenária.

Existiu um culto de ancestrais, em Salvador, chamado popularmente Gonocô, do original *Igunnuko*, que era feito no *Idacô*, o bambuzal. Meire, filha-pequena de Cléo, aprendeu o que sabe sobre o culto Gonocô por lições recebidas do avô Coló, filho da



*Apáòka. Jaqueira. Artocapus integrifolia L. f., Moraceae.  
No Opó Afonjá.*

Gunugui Joana. Gunugui era o nome dado à sacerdotisa do culto Gonocô, dirigido por mulheres.

Conta Meire que *Babá Igunnuko* aparecia à meia-noite do dia 23 de junho, respondendo às solicitações dos adeptos, que haviam previamente depositado ao pé da árvore sagrada, uma quantidade de acaças "machucados", dentro de uma terrina branca de porcelana, cebolãs brancas e velas. Muito milho branco era distribuído, pois este é o grande *axé* do ancestral que se apresentava na forma de um facho de luz alva brilhante, de mais de dois metros de altura. Dizem que ainda existe a árvore de Egunocô, mas nunca tivemos oportunidade de constatar se isto é fato. Bonocô, corruptela de *Gonocô*, é hoje nome de um bairro e importante avenida de Salvador...

O conhecimento de que houve, na Bahia, outros cultos aos ancestrais, com profunda participação feminina, a exemplo do Gonocô e *Geledé*, talvez cause surpresa aos leitores acostumados com o popular culto *egungum*, de quem o Alapini Didi é o sacerdote supremo no Novo Mundo.

O culto *egungum* restringe a presença feminina, desde os primórdios, com exceção da *iyagan*.

Os tapas (cujo correspondente de *lansã* é *Baculá*) rendem grandes homenagens a *Idacô*. Miguel Santana, o lendário e primeiro *Obá Aré* do Opô Afonjá (um dos seus fundadores), ogã do Omolu de Tia Lúcia, da Casa Branca do Engenho Velho, pai do atual decano dos Obás do Axé, o *Obá Kakanfô*, Antonio Albérico de Santana, era um dos maiores entendidos da nação tapa. Sua filha Jaguaracyra (*Iwin Efunwalé*) todos os anos oferece obrigações aos orixás herdados da referida nação, acompanhada do *Obá Kakanfô* e de Jaguaracy Santana, seu irmão, “feito de *lansã*” e grande cantor de cantigas de *candomblé* das diversas nações.

Lindos são os cânticos da nação tapa. Por influência de *Obá Aré*, nos três domingos dedicados a Oxalá, anualmente em São Gonçalo (Opô Afonjá), são entoados cânticos na referida nação, para *Idacô*:

... “*É bancalá,*  
*é bancalá, a Idacô no pará;*  
*é bancalá, a Idacô no pará, é.*”

Não sabemos da existência de terreiros da nação tapa na Bahia, atualmente. Nossa experiência se limita à Casa de Jaguaracyra, mãe de Lydia de *lansã*, também filha-pequena de Cléo.

---

**12** | **“Ê TEMPO ZARÁ!  
Ê TEMPO ZARÁ, TEMPO!  
EILA MANO, EILA  
CUMPADI!”**

Tempo é um inquice semelhante a Iroco-Loço. Para algumas pessoas, representa o próprio tempo, que não pára de passar. Mora na *Ficus religiosa* e nas mangueiras; mas não é considerado um inquice-árvore, e sim uma divindade que é cultuada ao pé de uma árvore sagrada. Apresenta muitas características do Inquice Cavungu, semelhante ao Omolu dos iorubás que é considerado irmão de Tempo pelos membros da nação congo-angola. Tempo é o Senhor da nação congo-angola, responsável por obrigações de muito fundamento: não se iniciam

*muzenzas* (*iaô*s, para os iorubás; *voduncis*, para os jejes) sem que o inquice venha em terra e apon-te o dia no qual a(o) filha(o)-de-santo deverá ser recolhida(o).

Tempo usa búzios, porém em menor quantidade que as divindades objeto de nosso estudo; e prefe-re vestir tonalidades de azul e verde. Dança segu-rando, na mão direita, uma ferramenta parecida com uma grelha, também utilizada em seus assentamen-tos; na outra, segura um objeto cortante, como um punhal, espadim ou lança.

No assento de Tempo (representado por uma gre-lha e um pássaro, ambos de ferro) é imprescindível que seja colocada, ao pé da árvore, uma bandeira branca de morim, trocada todos os anos no dia da festa do inquice.

Tempo come bode, galos, conquéns, muita pipoca e uma deliciosa farofa feita com a carne dos galos; e não deixa de beber a "meladinha", um preparado de muito fundamento, feito com aguardente de cana e outros ingredientes. A bebida deve ser preparada pelos homens do terreiro, os principais responsá-veis pelo trato dos animais que lhe são oferecidos.

As mulheres são encarregadas do preparo das co-midas do inquice.

Tempo é cultuado às segundas-feiras e sua saudação é *Eila-mano, eila cumpadi* ou *Zará, Tempo!*

O tradicional candomblé soteropolitano congo Bate-Folha (Mansu Banduquenqué) celebra no dia 10 de agosto, de forma ímpar, a festa de Tempo, um dos patronos do terreiro e sua principal divindade. O Bate-Folha foi fundado há 85 anos pelo Tateto Inquice Bernardino, filho de Tempo e Bamburucena (a Oiá-lansã dos iorubás). O Bate-Folha está hoje sob a direção de Seu Dudu e D. Olga de Caiá (Iemanjá), *Nengua Guanguacessy*, principal figura fe-minina do Mansu Banduquenqué.

Os filhos de Tempo são inteligentes, líderes, res-ponsáveis e mais contidos que os Locossis. As ca-racterísticas do inquice podem ser vistas em seus filhos famosos.

O Tempo de Bernardino foi muito famoso. Contam os mais velhos que o inquice, manifestado em Bernardino, organizava procissões de fiéis e filhos-de-santo de vários candomblés, que percorriam enormes distâncias em estradas de barro, sob sol e

chuva. Alguns iniciados seguiam “manifestados” por seus inquices, orixás ou voduns.

Biita, falecida há alguns anos, era a mais velha filha de Tempo do Bate-Folha. No Terreiro há atualmente uma *muzenza* de Tempo, Andréia, que é filha carnal do Xicarangoma Dedé, confirmado para o inuice de Bernardino há mais de 40 anos.

*Cota Ritari*, que é de Bamburucena e Mutalambô (correspondente a Oxóssi), foi iniciada por Banguame, o sucessor de Bernardino, e é atualmente *Nengua de Inquice* com seu próprio terreiro; ela é hoje a pessoa mais importante ligada a Tempo, do Bate-Folha, uma das filhas-de-santo mais antigas do terreiro. Quando Tempo dança manifestado em Ritari, é um dos inquices mais bonitos que tivemos a graça de ver: lindo, garboso, ágil, senhor de seus passos e decisões.

O Tumba Junçara é um dos principais terreiros da nação angola do Brasil, e tem muitas casas descendentes. Localizado na Vila América, bairro de Salvador (Ba), nos últimos 50 anos; nasceu em Santo Amaro (Ipitanga), passando para o Bairro do Beru (hoje Tancredo Neves), antes de ser definitivamente

transferido para o atual endereço, perto da Avenida Vasco da Gama. Nengua Iraildes, a atual responsável pelo terreiro, foi iniciada aos seis meses de nascida por Deré Lubidi, a sucessora imediata de Ciríaco (Tata Ludiamugongo); ela dança com um Tempo magnífico.

Bernardino (do Bate-Folha) e Ciríaco (do Tumba Junçara) eram filhos da mesma *Mameto Inquice* (ou *Nengua Inquiciani*), a gaúcha Maria Genoveva do Bonfim (Maria Neném), fundadora do Terreiro Atombency, em homenagem aos Inquices Cavungo e Kissanga. Erguido no começo do século, no bairro da Fazenda Grande – Retiro, a casa pioneira da nação, para a surpresa de muitos, ainda existe.

Manuel Bonfim, o Manuel Boiadeiro, *Tata Capexi*, iniciado por Maria Neném (que também iniciou o famoso Xicarangoma Esmeraldo Hemetério de Santana, Seu Benzinho, atual decano dos músicos sacros) e decano dos músicos sacros da Bahia e do Brasil até maio de 1998, por ocasião do Primeiro Alaiandê Xire, Festival de Alabês, Xicarangomas e Runtós realizado no Opô Afonjá, residiu por muito tempo no terreiro em ruínas. O falecimento de *Tata*

*Capexi*, no ano de 1998, pesará sobre a existência da Casa de Maria Neném, tendo em vista a importância deste sacerdote para a continuidade da comunidade-terreiro. Zuzu do Coqueiro Grande, *Nengua Inquiciane*, é filha de Tempo, para quem dá uma festa concorrida, todos os anos, no dia 10 de agosto.

Joana Evangelista dos Santos, *Nengua Jaminajô*, recentemente falecida, filha-de-santo de Tata Ciríaco, conhecida por Joana Voga, iniciou Cleonilza (Chico) há mais de 30 anos, assim apelidada por ser de "santo homem". Era filha da finada Makota Ludiamim, uma das *equedes* mais respeitadas da Bahia, irmã da *Nengua Emília de Angorô (Caçula)*, com importante terreiro localizado em Pilares, no Rio de Janeiro. *Caçula* foi iniciada por Ciríaco e era irmã-de-santo do falecido Tata Lossiká de Cavungo, também com casa aberta no Rio de Janeiro.

Na década de 1930, Tata Ciríaco fundou no Rio de Janeiro um terreiro, filial do Tumba Junçara baiano e com o mesmo nome. O terreiro, após o passamento do fundador, foi dirigido por Tata Dioclésio Pereira até sua morte, em 1987; era localizado em Vilar dos Teles, próximo do Terreiro

de Teodora de Iemanjá (falecida na mesma época), filha-de-santo do tradicional Terreiro Oxumarê, localizado na Avenida Vasco da Gama, em Salvador, hoje sob a competente direção de Silvanildo de Oxumarê, nosso amigo "Pecê".

---

## **13** | **CONTOS DE IFÁ E CONTOS POPULARES SOBRE IROCO E OUTRAS ÁRVORES SAGRADAS**

### POR QUE OXALÁ USA OPAXORÔ

Briga é coisa muito antiga. “Se briga” por causa disso, “se briga” por causa daquilo e, no fim, tudo se ajeita.

Os *iwín*, orixás da criação, plantaram uma árvore e deram a ela o nome de *Iroco*. Essa árvore é da família dos *iwín*. Come milho branco, veste-se de branco, prefere coisas brancas.

Um dia, no começo do mundo, dois homens – Akile e Akule – começaram a brigar muito por causa de uma fruta. Tanto brigaram que a disputa envolveu os humanos, os egunguns, os orixás, os animais. Enfim, envolveu todos.

No melhor da briga chegou Exu. Da maneira rápida e matreira tão própria dele, tirou do bolso um pó, misturou com terra e soprou na multidão. Veio, então, um temporal de relâmpagos, trovões e chuvas chamado *adarrum*, que ficou sendo o toque de guerra de voduns e orixás. Quando um deles escuta o *adarrum*, vem correndo para ver o que é que está acontecendo na terra.

Veio um raio e matou Akule; e todos acharam que foi uma armadilha.

Veio uma pedrada e matou Akile; e todos acharam que aquilo tinha sido coisa feita...

Os *iwin* ficaram devastados com essa guerra, que aniquilou os habitantes da Terra. A coisa estava muito feia, mesmo. Então Obatalá, chefe dos *iwin*, foi falar com seu pai Olofim, Senhor do Infinito, e contou tudo... Olofim se comoveu. Mandou chamar lá embaixo a árvore Iroco, única sobrevivente da espécie, e fez Iroco crescer. Ela cresceu, cresceu, cresceu, cresceu e, quando estava quase chegando ao céu, Olofim lançou sobre ela uma nuvem branca, interrompendo o crescimento.

Chamando Obatalá, Olofim tirou um galho de Iroco, entregou ao filho e disse que, segurando

aquele galho, feito bastão, ele poderia voltar à Terra. Deu ao cajado o nome de *opaxorô*, a principal ferramenta de Oxalá, divisão entre o *Orum* (céu) e o *Aiê* (terra).

Olofim disse que a árvore Iroco nunca seria extinta e passaria a ser a morada dos mortos.

Assim como Exu, a partir daquele momento ganhava o posto de Senhor dos Caminhos Cruzados, Iroco passava a ser a morada de orixás e encantados e o chefe de todas as árvores da Terra, o *Iggi Olórum*, com raízes que vêm do céu.

Quem quiser cultuar qualquer *Orixá Funfum* tem de louvar e homenagear Iroco. Axé!

#### ÁRVORE "VIRA" ORIXÁ, GENTE "VIRA" NO ORIXÁ E ORIXÁ "VIRA" ÁRVORE

Iroco era uma árvore muito importante, importante a valer. Tão importante que todos iam ao pé dela para pedir coisas, dar-lhe presentes, olhar sua beleza e imponência.

Exu era o senhor dos caminhos cruzados.

Olofim determinou que os orixás e Ibejis (os gêmeos) fossem cultuados pelos viventes. Eles receberam a ordem de sair pelo mundo à procura de seus filhos, o que aproximaria o mundo dos encantados do mundo das pessoas, para a felicidade de todos.

Iroco era muitíssimo cultuado e trabalhava muito, até demais. Os carregos grandes iam para o pé da árvore e cada vez mais o povo pedia. Pediam tanto a essa árvore, que os milagres começaram a acontecer e os pedidos e promessas triplicavam... Iroco era cada vez mais popular, de tanto que pediam e de tanto que ele trabalhava sem parar.

Um dia, os *oluôs* (adivinhos) fizeram uma “junção” para conversar sobre essa árvore, que tanto estava dando que falar. Foram lá para debaixo dela, na sombra e começaram a jogar. Resolveram pedir a Iroco que ele viesse fazer parte do Axé, junto com os outros orixás, para que “fosse feito”.

Ele respondeu que sim, que passaria para o lado dos orixás de vez, mas que jamais moraria dentro de uma casa de orixá. Ia ficar na rua, que era seu lugar, do lado de fora, e não aceitaria muro em redor de si,

mas cerca feita de várias tábuas, cada uma representando um membro do candomblé. Queria morar cercado pelo povo-de-santo, sua gente, mas fora de qualquer casa, que é seu principal *ewó* (proibição).

Tudo dele tinha de ser feito na rua. Ele se vestiria sempre de branco e “responderia” em todas as nações. “Sem essa” de “nação pura”, com ele! Cada uma tem seu encanto próprio e a união faz a força.

Atenderia pelos seguintes nomes: Iroco, Loco, Olo Oco, Oloroquê e Tempo. Os *oluôs* concordaram e disseram que tudo seria feito de acordo com sua vontade.

Dito e feito.

Lá perto havia uma feira cheia de movimento. Iroco soprou, soprou e o seu hálito, em forma de vento, foi cair sobre a cabeça de uma moça, que vendia na feira. A moça começou a rodar, a rodar, a rodar e foi cair nos pés de Iroco, nascendo a primeira Locossi... a primeira filha de Iroco na Terra!

Esta era a grande resposta do Senhor da Árvore aos babalaôs:

“*Roko dê, Sororô...*”

“*Oguê, Oguê, Sororô...*”

Isso quer dizer que Iroco chega no axé, chega para dançar e ficar.

Podem falar que Iroco chegou!

Vendo aquilo, todos os orixás correram para o pé de Iroco, para uma grande junção. ("Gente comum faz reunião; orixá faz junção...") Chegaram trazendo suas comidas prediletas: Ogum levou inhame assado, Oxóssi levou milho amarelo, Omolu levou pipoca e feijão preto, Ossâim levou farofa de mel de abelhas, Oxumarê levou farofa de feijão, Xangô levou amalá, Oxalufã levou milho branco, Oxoguiã, bolos de inhame cozido, Orumilá levou ossos.

Exu chegou, correndo e levou cachaça. Ajoelhou-se nos pés de Iroco e jogou três pingos no chão, cheirou três vezes e bebeu um pouco. Nesse momento, Iroco transformou-se em árvore, Ogum em cachorro, Oxóssi em vagalume, Omolu em aranha, Oxalá em camaleão, Oxumarê em cobra, Xangô em cágado e as comidas ficaram no pé da árvore.

A moça foi recolhida e assim foi iniciado o primeiro Iroco de que se tem notícia.

Dizem que o nome que esse Iroco trouxe foi muito lindo, bonito mesmo!

## COMO NASCEU A ARRUMAÇÃO DO JOGO DE IFÁ

Esta história corresponde a um dos caminhos do jogo de Ifá. Quando sai esse caminho para o consulente, diz o babalaô:

*"Onde vemos sete anciãos numa peneira, a bênção aricu (vida longa) é prevista.*

*Não demorará, não está longe, sua vida vai mudar.*

*Sacrifique para Iroco."*

Havia um homem muito importante, em terras iorubás, chamado Eleri.

Eleri que também era muito mau, tinha vários escravos, dentre eles um chamado Sasaré.

Eleri proibia que os escravos fizessem oferendas aos orixás, com medo de que se tornassem poderosos, ameaçando seu poder sobre eles.

Sasaré, que era esperto, não cumpria a determinação de seu senhor, dando continuamente oferendas para a própria cabeça de Eleri, que de nada desconfiava.

Um dia, Sasaré foi consultar os adivinhos, os quais lhe mandaram dar um grande presente para Iroco: 14.000 búzios-da-costa e sete obis; Iroco aprecia muito estas nozes-de-cola, tão consumidas pelo povo iorubá, junto com o orobô (muito mais gostoso...).

Alguns anciãos futriqueiros viram Sasaré no pé de Iroco, oferecendo o que levava. Foram contar a Eleri que, como castigo, determinou que derrubassem a árvore, fizessem dela um caixão de defunto para Sasaré e lançassem tudo no rio. Dito e feito: Sasaré foi lançado nas águas, como um defunto clandestino.

O caixão foi parar no Dahomey, terra que tinha acabado de perder o rei; e todos os habitantes estavam discutindo quem seria o novo governante. Após muitas discussões, decidiram que o rei seria o primeiro viajante vindo de outras terras de forma diferente.

O caixão com Sasaré foi parar em uma praia, sendo aberto por pessoas que achavam que estavam na presença de um deus. Ninguém poderia sair vivo de um caixão de defunto, dentro do rio, tanto tempo...

Imediatamente, banharam Sasaré – que não se separava por nada do caixão de defunto, feito com a madeira do poderoso Iroco – e lhe deram um palácio

muito lindo para morar, uma bela mulher, animais e muitos, muitos búzios. Depois disso tudo, proclamaram Sasaré rei do Dahomey, terra do Vodum Dã, a serpente sagrada.

Sasaré vivia muito feliz e contente quando, um belo dia, os adivinhos lhe disseram que o poderoso Eleri estava lá, na porta do palácio, para conhecer o novo rei. Sasaré não sabia o que fazer, estrangeiro que era naquele país e, apesar de rei, escravo de Eleri. Seus conselheiros não queriam que Eleri entrasse no palácio, mas apareceu o Vodum Loco, que mora na árvore Iroco e nela se transforma, e disse que Sasaré não tivesse medo e deixasse Eleri entrar. Quando entrou, imediatamente reconheceu o antigo escravo que lançara no rio, dentro do caixão e, vendo que este era o novo rei do Dahomey, pôs-se a tremer muito, com medo da reação do povo, o que Sasaré não esperava que pudesse acontecer.

O rei mandou Eleri ficar de pé, junto a uma pilastra perto da parede, sem lhe oferecer qualquer tipo de assento, dizendo-lhe que, apesar de ter sido lançado no rio de uma forma tão vil, nada faria contra o antigo senhor.

Loco, emocionado com tamanha generosidade, transformou Sasaré em Ifá, Senhor da adivinhação, transformando-se ele mesmo no pote que se entalha para colocar o jogo de Ifá. Como castigo pela maldade, Eleri foi transformado na vara de ferro que se coloca na frente do jogo de Ifá, sempre em pé e que não pode, de maneira nenhuma, mudar de posição. Sempre tem de ficar de pé. Não pode sentar-se...

#### COMO CONSEGUIR MUITOS FILHOS

Este é outro itã relacionado com um dos caminhos do jogo de Ifá. Diz o babalaô para quem sai este caminho no jogo:

*"Iroco diz que é preciso fazer oferenda.*

*O egungum que nos ajuda é aquele para quem damos um lindo axó (roupa).*

*O orixá que nos ampara é aquele a quem nos dedicamos.*

*Iansã come acará; Ogum, abadô.*

*Para que uma árvore me ajude, é preciso que eu lhe dê um grande presente. Isto, para que uma árvore me ajude.*

*Para que uma árvore me devolva o que é dela e me tire, é preciso oferenda."*

Havia um grande chefe em Mekó, chamado Oluwalê, que estava muito triste com a recente perda de seu último filho vivo, Adélekè, que era seu encanto e falecera com a idade de 18 anos.

Surpreendentemente, Oluwalê perdera todos os quatro filhos que suas quatro mulheres lhe deram, antes de atingirem a adolescência. Seus filhos não viviam mais que três ou quatro anos, para sua desolação. Com Adélekè tinha sido diferente, até que, de um dia para outro, o jovem foi definhando, definhando e sucumbiu, vindo a falecer que nem um passarinho.

Oluwalê já não comia nem bebia, nem conseguia trabalhar direito. Chorava o dia inteiro, querendo morrer para se encontrar com os amados rebentos, que perdera tão cedo.

Apareceram então, em sua aldeia, quatro adivinhos anciãos, que lhe recitaram os seguintes versos,

dançando num e noutro pé e cantando, de mãos dadas, fazendo uma roda em volta do homem, para animá-lo um pouquinho:

*"Iroco diz que é preciso fazer oferenda.*

*O Egungum que nos ajuda é aquele para quem ofertamos um lindo axó!*

*O orixá que nos ampara é aquele a quem nos dedicamos.*

*lansã come acará, lansã come acará!*

*Ogum, abadô, Ogum, abadô...*

*Para que uma árvore me ajude, é preciso que eu lhe dê um grande presente.*

*Isto para que uma árvore me ajude.*

*Para que uma árvore me devolva o que é dela e me tirou, é preciso oferenda."*

Intrigado, o homem pediu aos anciãos que lhe esclarecessem aquela mensagem de Iroco.

O curioso é que, a menos de cem metros de sua residência, havia um pé muito grande dessa árvore, mas ele nunca tivera tempo de fazer sacrifícios para ela... O estranho, mesmo, é que, toda vez que um filho seu morria, parecia que a árvore ficava maior e que um vento uivava como se trouxesse uma mensagem...

Os anciãos (que eram oluôs) disseram-lhe que, se quisesse ter filhos, tinha que oferecer ao Orixá da Árvore muitos *obis*, *cauris* (búzios-da-costa), um galo, um pombo, muita bebida e comida. Oluwalê, então, ofereceu tudo como eles ensinaram. Também comeu, bebeu, dançou e cantou com os quatro adivinhos e começou a se sentir melhor; abraçou a grande árvore, sentiu o cheiro de suas folhas, seu calor.

De repente, para sua surpresa, viu saindo da terra, junto das raízes de Iroco os quatro amados filhinhos que perdera, que puseram-se a abraçá-lo e beijá-lo, como se nada tivesse acontecido.

O homem, meio louco de alegria, depois de recompensar muito bem os adivinhos, voltou para casa com os filhos e, para maior surpresa, as quatro mulheres tinham acabado de parir filhos gêmeos!

É preciso oferecer presente a Iroco, se quisermos ter muitos e muitos filhos!

O chefe Oluwalê nunca mais se esqueceu do importante orixá da árvore, tratando-o carinhosamente como o orixá da família, que nunca mais parou de crescer, bem como todos os animais da casa, que

engordavam e pariam, pariam e havia muita comida e bebida para todos.

#### A LÍNGUA DO PEIXE MATA O PEIXE

A história aqui narrada está ligada a um dos caminhos do jogo de Ifá. Diz o babalaô para o consulente quando sai este caminho de jogo:

*“O homem não pode escorregar na lama do pântano, se tem uma bengala na mão.”*

Certa vez, um pobre caçador perdeu o pai e ficou muito desesperado, quando viu que a quantidade de *cauris* que possuía era insuficiente para as despesas fúnebres. Naquele tempo, os funerais eram muito caros; isso porque a família do morto tinha de alimentar muita gente e eram precisos muitos e muitos *cauris*, que tinham de ser fornecidos pelos parentes do finado. O costume não era o enterro dos cadáveres, não: o morto era colocado sobre um altar, em forma de caniçado, com quatro pés. Durante

três dias, a família tinha de defumar o cadáver com ervas aromáticas, para que não se sentisse o terrível cheiro da morte, I cú.

Os familiares do caçador juntaram todos os *cauris* que tinham mas, reunidos, não atingiam a ínfima soma de noventa... O que fazer? Caçador não tem a quem recorrer, porque em todas as vigílias, nas quais o povo canta e dança em homenagem ao finado, é a ele que se recorre para que haja comida em abundância. E o que acontece agora? Ironicamente, ele, caçador, nada tem a oferecer nos funerais do próprio pai.

Triste, começou a defumar o defunto sem saber o que fazer para arranjar os *cauris*. Apesar de exausto, resolveu sair para ver se conseguia alguma caça, e nada. Percorreu todos os lugares conhecidos, sem o mínimo sucesso, sem achar nem um *ecute* (rato) para os comensais e sua família.

Sabia que, na outra margem do rio de belas águas negras, havia muita caça pastando, mas ninguém se atrevia a transpor as águas do rio, que parecia rio mas era um pântano, conhecido por ter afogado quem se atrevesse a pôr os pés em suas águas que, de tão escuras, impossibilitavam a visão do nadador.

Arrasado pelo cansaço, o caçador deitou-se ao pé de uma grande árvore, bastante frondosa; acabou adormecendo e teve um sonho. Nele ouvia uma voz a lhe dizer: – “Levante-se, Odé! Transponha o rio, sem medo, que você vai encontrar muita caça a ser capturada.” E as palavras se repetiam sem parar.

Quando acordou, Odé continuou a ouvir as mesmas palavras e, para seu espanto, não via ninguém. Olhou para os lados e não viu nada. Olhou para cima e continuou na mesma. Prestando atenção, reparou que estava deitado sobre as raízes de um enorme Iroco, a árvore sagrada; e a árvore falou, provocando-lhe um enorme susto:

“Sou eu que quero lhe falar... Será que você ainda não entendeu que tem que transpor o rio de águas escuras?”

O caçador, já refeito do susto, retrucou:

“Grande Iroco, eu não posso transpor um rio de águas tão profundas e perigosas sem o risco de minha própria vida... Daí serão dois enterros. Se a família não está agüentando pagar as despesas do funeral de nosso velho pai, ele que foi um grande ca-

çador e que alimentou tanta gente, o que acontecerá se eu morrer?... eles morrerão à míngua.”

“Para tudo se dá um jeito” – disse a árvore. “Corte um de meus galhos e tome cuidado para guardar a extremidade fendida. Depois, avance no leito do rio. Antes de colocar o pé, experimente o lado fendido da madeira. Verifique se a terra está longe para que você tenha certeza se pode atravessar com segurança. Vá agindo cautelosamente, com todo o cuidado de caçador, passo a passo, e chegará à outra margem sem medo.”

Dito e feito. O caçador seguiu rigorosamente as instruções de Iroco, agindo com toda a experiência e paciência adquiridas em anos e anos de caçadas de búfalos e elefantes, e tudo deu certo: o galho transformou-se em bengala e o conduziu no caminho.

Ao chegar ao lado de lá do rio era meio-dia em ponto, horário no qual os animais vão beber água. O caçador, escondido em uma moita, nunca vira tanta caça em sua vida. Havia todos os tipos de famílias de animais, de diversos tamanhos... alguns eram raríssimos, com boa carne e peles muito valiosas, verdadeiras fortunas... Vendo os animais avançarem

despreocupadamente, o caçador começou a disparar seu *ofá* (arco), cada flecha matando três ou quatro, para a estupefação do homem, que nem tinha como carregar a preciosa e enorme carga.

Nunca vira tamanha fartura e abundância de comida em toda sua vida de florestas.

Pegando os bichos, um a um, atravessou o rio de volta, auxiliado pela bengala; depositando os animais abatidos nos pés de Iroco, foi, correndo, buscar ajuda para o transporte dos animais, satisfeitíssimo com a árvore que lhe arranjava a vida por muito tempo.

Ao retornar, Iroco lhe falou:

“Dê-me as entranhas de todos estes animais, porque só quero isso.”

Obediente, o caçador abriu os bichos e enrolou as vísceras no tronco da árvore orixá que, na verdade, dera muito mais ao caçador do que este precisava, por causa de uma antiga rixa com a Senhora do rio...

O caçador, satisfeitíssimo, retornou ao seu lar, onde pôde celebrar os funerais do pai com as honras de um grande senhor. Conseguiu tantos *cauris* pela venda das peles raríssimas que nunca mais pre-

cisou caçar para comer, transformando-se num rico chefe caçador.

Tempos depois, outro bravo guerreiro perdeu sua mãe e viu, consternado, que não tinha a quantidade suficiente de *cauris* para o enterro digno da genitora. Acabrunhado, saiu andando, andando, andando, até que foi parar às margens de um rio de águas negras. Estava tão cansado que, deitando-se às margens do rio, dormiu profundamente. Em sonho, ouviu uma maviosa voz feminina lhe dizer:

“Onijá, passe para a outra margem do meu rio e você vai encontrar madeira preciosa.”

Mais de mil vezes Onijá ouviu as mesmas palavras, até que acordou; mas continuou escutando a voz. Olhou para os lados e não viu ninguém. Olhou para a direita e nada; para a esquerda e ficou na mesma. Olhou para a frente e percebeu que as palavras saíam de dentro do rio. Como as águas fossem muito escuras, não podia ver quem lhe falava; mas continuava ouvindo, como um encanto, aquela voz canora trazida pelas profundezas das águas. Então perguntou:

“- Que madeira preciosa é esta, minha senhora, que vale tanto assim?”

“– Madeira de Iroco! Os babalaôs vão querê-la. Mergulhe sua espada nas águas e vá confiante. Não tenha medo da árvore, porque ‘tem pau que traça pau!’”

O homem foi e encontrou Iroco dormindo, encantado pelo som que saía das águas, nunca por ele ouvido antes. Com poucas espadadas, conseguiu derrubar uma quantidade tão grande de madeira que mal pôde carregar. Pela venda da madeira preciosa, conseguiu obter a importância de 1.500 *cauris*, muito mais do que o suficiente para o pagamento dos funerais da mãe e para que vivesse com conforto.

Quando Iroco acordou, ficou furioso ao ver que estava praticamente pelado. Um pássaro-feiticeira, que costumava parar em seus galhos, enfurecido com a ofensa que só podia ter partido da Senhora do rio, reuniu todas as eleiês da região que encontravam abrigo em Iroco, para a desforra. Centenas de pássaros foram convocados, milhares, um milhão de pássaros; cada um trouxe um bocadinho de *ossum*, *uaji* (substâncias vermelha e azul, que agem como tinta) e demais pós mágicos que lançaram no rio o qual, imediatamente, perdeu o en-

canto e ficou transparente... Todos então viram que ele era muito mais raso e inofensivo que se supusera e que não era pântano, apenas confundia as pessoas.

O rio e Iroco não se davam, antigos rixosos que eram: Iroco revelou ao caçador o segredo do rio, por ter a língua solta; e o rio se vingou, porque não gostava de Iroco. Antes desses acontecimentos, todos os anos os animais que habitavam, com sossego, perto do rio, forneciam-lhe uma caça, como recompensa pela proteção dada pelas águas temidas. Depois que o caçador conseguiu transpor as margens, os animais deixaram de confiar no rio, negando-lhe a oferenda, e o rio ficou com fome.

Se alguém consultar um babalaô e sair este itam, o conselho então é o seguinte:

*“Tenha vigilância e muita discrição, pois até o poderoso Iroco e a senhora das águas foram vítimas da própria imprudência!...”*

## A SEPARAÇÃO DO CÉU DA TERRA OU A BRIGA DOS COMPADRES

Este é um itam do jogo de Ifá. Diz o babalaô para quem cai este caminho no jogo de adivinhação:

“Depois que eles cometem uma maldade, nós os consideramos como sendo maldosos.”

Orum (Céu) e Aiê (Terra) eram grandes amigos, verdadeiros compadres. De tempos em tempos saíam para caçar juntos, como prova de grande amizade e estima; caçavam com abundância todos os tipos de animais que, preparados, eram uma grande festa.

Que festas as do Céu e Terra juntos! Felizes, os convidados... Era um banquete de não acabar mais nada. Tudo o que a boca come, era servido nestas festanças, dadas pelos compadres inseparáveis: tinha *acará*, *olelé*, *ecó*, muito *erã*, *ilá*, *ixu*, tudo quanto é tipo de *xinxim*, muita pimenta, muito *otim*. Que delícia as festas dos amigos!...

Grandes eram as caçadas da Terra e do Céu.

Um dia, os dois saíram para caçar. Todos esperavam a volta dos compadres com água na boca, já antecipando o festim. Mas qual o quê! Nesse dia, somente caçaram um *ecute* e aí a briga começou: começou a disputa da Terra com o Céu para ver quem era o melhor. Um bateu no outro; um queria matar o outro...

No melhor da briga, o Céu saiu correndo com o rato debaixo do braço, para horror da Terra, que começou a gritar, em plenos pulmões, que iria acabar com o Céu, arrasar com o grande traidor, com as próprias unhas ia “lhe lascar a cara”. O Céu também começou a dizer para todos que iria matar a Terra, menos importante que ele, para terror dos viventes, que queriam ver o fim da briga dos compadres.

Ambos, Orum e Aiê, foram procurar seu babalaô de confiança e, coincidentemente, saiu o mesmo ebó para os dois compadres: um cabrito, bastante azeite-de-dendê, bastante *cauri*, bastante cachaça e *obis*. Tudo deveria ser colocado nos pés de um Iroco, a mais importante árvore que existe, aquela que liga a Terra com o Céu.

Dito e feito. Fizeram a oferenda e, então, o Céu lançou muita chuva sobre a Terra. Chovia, chovia, chovia e não parava de chover; nunca se viu tanta água assim... O Sol não aparecia, já não se tinha mais roupa para vestir, tudo mofava, as plantas estavam enjoadas de beber tanta água.

A Terra foi então pedir a Iroco que desfizesse o sacrifício feito pelo Céu.

Ele disse que desfaria se ela desfizesse o dela, o que era uma questão de justiça. Isto não aconteceu.

Iroco falou com o Céu para ele desfazer o sacrifício dele... Isto não aconteceu.

O Céu mandava e mandava mais água sobre a terra.

A Terra, então, com muita raiva, cortou os mais altos galhos do Iroco, o *Iggi Olórum* (nascido sobre o poder do Céu) e da araba, para que estas árvores nunca mais alcançassem o Céu, cortando toda comunicação que havia antes.

Após o corte de relações, a Terra passou, sozinha, a exercer poder direto sobre o crescimento das árvores.

E cantou:

*“Por mais que você seja grande,  
Por mais que as árvores cresçam,  
não atingem o céu,  
não atingem o céu,  
não atingem o céu...”*

### IROCO É UM SÁBIO CONSELHEIRO

Este é mais um itã de Ifá. Quando sai este caminho para o consulente, o babalaô diz:

*“A coisa é inteiramente branca.  
É preciso saber ouvir conselho.  
Pior castigo é falsa satisfação.  
A coisa que mais deixa uma árvore feliz é dar frutos.  
Árvore sem frutos é uma árvore triste, sem sentido.”*

Akese (o algodoeiro) e Mangaró (a mangueira) foram pedir conselhos a Iroco, porque o tempo passava, passava e nada de os frutos aparecerem.

lam ficar velhas sem devolver à terra a vida que esta lhes dera.

Queriam porque queriam muitos, muitos, muitos filhos.

Iroco pensou, pensou, coçou a cabeça e mandou que suas irmãs fossem procurar Ifá, Senhor da Adivinhação, para que ele lhes ajudasse.

Não queria dizer que ele mesmo é quem poderia resolver o problema.

O adivinho lhes diria e elas fariam o que suas cabeças lhes mandassem.

Ifá lhes prescreveu um sacrifício.

Se quisessem filhos tinham de oferecer uma quantidade de *obis*, *otim*, milho branco e mais alguma coisa para Iroco, o Senhor de todas as árvores e da fertilidade.

“Estranho não terem pedido diretamente para Iroco, o chefe das árvores, seu irmão” – pensava o Adivinho.

“Como é o mundo... As pessoas com a solução do problema a seu alcance e preferem 'arrodeios'”...

Mangaró não titubeou. Foi e ofereceu o sacrifício, espantada com sua ingenuidade... o querido Iroco

poderia resolver sua mágoa, transformando-a em vitória.

Akese coçou a cabeça, olhou dos lados e duvidou.

Disse a Ifá que, pensando bem, talvez não estivesse preparada, no momento, para dar frutos e que, quando chegasse a ocasião, Obatalá saberia muito bem dar-lhe uma gravidez próspera.

Passado pouco tempo, Akese engravidou – para sua grande alegria, satisfeitiíssima de não ter ido fazer oferenda nenhuma a Iroco, uma árvore como ela.

“Por que ele tinha que ser *Iggi Olórum*? Ela é que pertencia a Obatalá. Vou ter filhos, muitos filhos e os verei dançando e cantando em volta de mim”, pensava.

Sonhava o tempo todo com seus frutos... e eles começaram, finalmente, a aparecer... só que não formavam mais que um tufo branco leve, muito leve...

lansã, senhora dos ventos, soube da consulta e, revoltada com a prepotência de Akese, jogou um pequeno vento sobre a árvore, espalhando os tênues frutos que caíram sobre os lugares mais diversos e... adeus filhos!

Mangaró também ficou grávida, para sua felicidade. Começaram a aparecer frutos fortes, graúdos, bonitões mesmo, que caíam à seus pés...

Oxumarê feliz com a alegria da mangueira, mandou delicadas chuvas e todos os frutos germinaram, fazendo com que os filhos crescessem em volta da árvore, que não parava de louvar Iroco, dançando e cantando com a prole robusta.

#### O PODER DE IAMI SERVE PARA O BEM E PARA O MAL

Quando sai este caminho para o consulente, o oluô diz:

*"Eleié sobe na árvore.*

*Eleié sobe no teto da árvore e faz o que quer."*

As *eleiés*, feiticeiras terríveis, mulheres-pássaros, eternamente temperamentais, mal-humoradas e sem conhecimento de qualquer tipo de prazer,

entenderam de descer do *Orum* para o *Aiê*, para interferirem diretamente na vida dos humanos, conforme sua vontade.

Iriam morar na Terra, doesse a quem doesse.

Foram comunicar a importante decisão a Ifá, dizendo que teriam residências correspondentes aos sete pilares da Terra; sete moradas em sete diferentes árvores, escolhidas a dedo. Habitariam, ao bel-prazer, nos galhos mais altos das sete árvores, de onde avisariam toda a Terra e seus insuportáveis habitantes.

As *eleiés*, também chamadas de *iami*, têm o temperamento impossível.

Irritam-se com bajuladores e também se irritam com aqueles que não são bajuladores.

Detestam risos e detestam choros. Odeiam barulho e odeiam o silêncio. Não suportam coisas frias, mornas ou quentes; têm raiva da calma e, mais ainda, da agitação. Odeiam festas e quem não gosta de festas.

São feiticeiras poderosíssimas que não conhecem pai, mãe ou filho.

Fazem o que bem entendem, sem a mínima lógica ou regra a seguir.

Nunca se sabe o que as *iamis* poderão fazer, ou o que estão pensando, porque mudam de idéia.

Dizem que as *eleiés* não têm coração. Quando foram feitas, esta parte foi esquecida.

São terríveis e têm por lema pregar sustos nas pessoas, sem que se divirtam com isso.

Fizeram a escolha das sete árvores-morada:

Ficarão sobre o pé de Orobô (*luo*);

Ficarão sobre a árvore *Arerei*;

Ficarão sobre a árvore *Ose*;

Ficarão sobre a árvore *Iroco*;

Ficarão sobre a árvore *lá*;

Ficarão sobre a árvore *Obobo*;

Ficarão sobre a árvore *Assurim*.

Ifá perguntou às feiticeiras o que fariam sobre cada uma das árvores escolhidas.

Elas disseram, dando gargalhadas estridentes e terríveis:

– *Se vosmicê nos consultar sobre a sorte de alguém, se ficará muito tempo na Terra e, “naquele momento”, nós estivermos no luó, diremos que sim. Ele ficará muito tempo na Terra. Terá vida longa e terá vitória sobre todas as coisas. Será correto, sim!...*

– *Se vosmicê “olhar” para alguém que quer nossa ajuda e nós estivermos sobre a Arerê, diga-lhe que tudo será destruído por nós. Não terá sossego nem prazer; tomaremos tudo; pouco vai conseguir dormir...; não terá sorte no amor.*

– *Se nos encontrar na árvore Ose no momento da pergunta, tudo o que a pessoa quiser para o bem, lhe será dado pelas iamis. Tudo, tudo!*

– *Se nos encontrares no Iroco, estaremos meditando, meditando, meditando, pensando muito sobre o que fazer. Iroco vai nos ajudar na meditação. Pode ser que sim, pode ser que não; pode ser que não, pode ser que sim... Sim ou não? Talvez.*

– Se vosmicê “olhar” sobre saúde, ou risco de vida e a gente estiver no pé de lá: há, há há! Não há esperança! Mandaremos para o orum, sem maiores delongas...

– Se vosmicê, na hora da consulta, nos consultar no Orobô, e tivermos jurado alguém de morte, este alguém será perdoado...

– Se vossa sabedoria conseguir nos encontrar sobre a árvore Assurim, que sorte a de quem pergunta! Daremos tudo, tudo, sem pestanejar!

– Quer prosperidade?

– Terá.

– Quer amores?

– Obterá.

– Quer saúde?

– Conseguirá.

– Tem inimigos?

– Enviaremos para o orum.

– Deseja a infelicidade de alguém?

– Terá sucesso em sua empreitada.

– Quer flutuar? Quer ir ao mar? Quer ir à lagoa?

– A árvore Assurim é nosso poder.

– Se vosmicê conseguir subir até a Assurim, terá o poder.

A árvore Assurim é a residência do poder das iamis, onde elas ficam fortes.

Por isso mesmo, ninguém consegue se manter de pé lá...

Palavra das eleiês se toma imediatamente e se segura. Caso contrário, elas mudam de idéia.

Quem sabe em qual casa elas estão no momento da solicitação de ajuda? Nem o poderosíssimo Ifá sabe ao certo.

Tem que lhes perguntar. Com elas, pode ser tudo ou nada.

O que se pode esperar de quem não tem coração?

## HUSO E AMUSO

Este é outro itã de Ifá. Quando cai este caminho, o oluô diz:

---

*“Antes de dar o fósforo que lhe pedem, peça, você mesmo, fumo ou cachimbo.”*

Iroco e Orumilá eram muitos amigos.

Tão camaradas, que resolveram comprar um terreno juntos.

Ambos tinham filhos adultos, Huso e Amuso, que precisavam ter a própria casa para que pudessem constituir família.

O terreno adquirido, situado atrás da aldeia, era excelente para construção, composto de areais e terra vermelha, boa para a plantação, o que facilitava muito as coisas.

Orumilá era rico de sabedoria e pobre de bens. Possuía somente o necessário para viver com dignidade.

Iroco, ao contrário, era senhor de terras, muito rico e opulento, mas às vezes apressado.

Os pais concordaram em dar as terras para os filhos, que teriam 17 dias para a construção de suas moradas. Quem construísse a casa primeiro seria o senhor do lugar.

---

Orumilá estava preocupado por não poder ajudar Amuso financeiramente.

Não tinha meios para o pagamento de operários, animais, maiores despesas.

Iroco, sentindo muito orgulho do filho, pensava, secretamente, em ajudá-lo, colocando ao seu alcance todo o dinheiro e pessoal necessário para a construção da residência.

“Meu filho vai longe! Será o senhor de muita riqueza, terá filhos, esposas, comida e dará grandes festas e poderei descansar, despreocupado. Será o chefe da região!”

Orumilá nada tinha a dar ao filho, a não ser colocar ao seu alcance sua arte de adivinhação e bons conselhos.

Dito e feito. Fez um jogo para Amuso, perguntando ao caminho que apareceu:

*“Iroco é rico e eu sou pobre. Se meu filho for construir ao lado de Huso, encontrará pessoas dispostas a ajudá-lo na construção?*

*Viverá em paz?*

*Terá o que comer?*

*Terá filhos?*

*Será feliz?"*

O caminho consultado lhe respondeu que sim, mandando o jovem comer e beber muito, antes de seguir viagem, e que levasse consigo três açaças.

Iroco não consultou nenhum oluô. Apostava na inteligência do filho.

Escolheu três grandes inhames e, sem que o filho desconfiasse, para que a surpresa e a alegria fossem maiores, fez um furo em cada um, colocando, no primeiro, muitos trabalhadores para a construção da casa, água e comida; no segundo, dinheiro e roupas; no terceiro inhame, animais domésticos e selvagens. Tapando os buracos, entregou-os para o filho querido, que não sabia a fortuna que tinha nas mãos.

Achava que ele tinha tudo para se sair muito bem: inteligência, prudência e tino.

No dia da partida, Huso levantou tarde e disse que não tinha tempo para comer nada, já que estava atrasado.

Os jovens puseram-se a caminho.

Instantes depois, a barriga de Huso roncava de fome.

Perguntou ao companheiro se este tinha alguma coisa para lhe oferecer, alegando somente ter em mãos três inhames crus e que não teria tempo nem meios para parar e cozinhá-los.

Amuso disse que tinha três açaças e que, por ter comido demais, não teria fome antes do anoitecer.

Poderia trocar o açaçá por um dos inhames, o que foi aceito.

Instantes depois, a fome do filho de Iroco tornou a apertar. Vorazmente, propôs a Amuso novamente a troca, acabando por trocar todos os inhames pelos três açaças, que devorou.

Chegaram ao terreno e foram trabalhar.

O Sol estava muito quente, não havia água disponível e, pelo fim da tarde, recolheram-se para descansar, meio mortos de cansaço.

Huso (saciado pelos açaças) foi dormir.

Amuso, que sentia a barriga reclamar comida, pegou o primeiro inhame e, qual não foi sua surpresa quando viu saltarem de dentro (do buraco) muitos trabalhadores que, alegres, perguntaram onde era a casa que tinha de ser construída, atirando-se ao serviço com vontade...

Isso, sem falar nas muitas comidas e bebidas, suficientes para saciar a fome e a sede de uma multidão de pessoas.

Resolveu entretanto calar-se, por medo de que o colega quisesse “procurar barulho” por causa dos inhames mágicos.

No dia seguinte, Amuso partiu o segundo inhame e, para seu deleite, viu sair de dentro dele muito dinheiro e belas roupas, dignas de um nababo...

Curioso, partiu o terceiro inhame e quase morreu de susto ao ver saltar da raiz tudo quanto é tipo de bicho: de cavalos e bois das melhores raças, a onças, macacos, leopardos, jibóias e búfalos.

Em tempo recorde, a residência de Amuso ficou pronta e era um belo palácio, cheio de cômodos, fontes, belos tecidos, esteiras confortáveis... Do bom e do melhor, todo cercado de vários tipos de cães-de-guarda.

Os pedreiros continuavam ao serviço do rapaz, servindo-o com alegria e determinação.

A vida sorria para o filho de Orumilá, tudo indo de vento em popa.

Pobre Huso... Sozinho, sem comida, bebida ou ajuda, mal pôde construir uma cabana, coberta com palha de palmeiras, de onde não quis mais sair, envergonhado pelo fracasso e falta de prudência, quando soube do ocorrido.

O que lhe coubera, por desmazelo, fora direto para as mãos do amigo.

Um ano depois, Iroco e Orumilá resolveram ver os filhos, prevenindo-os antes da visita.

Estavam loucos de curiosidade para ver quem ganhara a aposta e era o chefe.

Orumilá não consultou o oráculo, de tão ansioso que estava. Quando se deparou com a tropa de cavaleiros enviados pelo filho Oluamuso para recebê-lo – todos montados em elefantes e ricamente trajados –, compreendeu que algo maravilhoso se passara.

Ao chegar à casa do filho, Orumilá ficou louco de alegria ao ver o palácio e, mais alegre ainda, ao ser aguardado, à porta, por uma bela jovem, com seu neto no colo!

A família crescera e prosperara!

Outra foi a sorte de Huso.

Iroco quase caiu para trás ao ver as condições de penúria do filho bem-amado, agora servo de Amuso, escondido na pequena tapera.

“Que fizeste com os inhames, meu filho? Ali havia o suficiente para você viver muito rico e tornar-se mais rico ainda!”

“Eh! O que o senhor pensa que eu poderia fazer deles, meu pai? Com a fome que estava, troquei-os pelos três acaçás de Amuso, que hoje em dia deve dar bastante risada de minha cara de abestalhado.”

Para quem sai este caminho, se diz:

*“Dê seu fósforo, mas fume junto.”*

#### A PALMEIRA DE AZEITE

Esta narrativa também é um itã de Ifá. Quando sai este caminho para o cliente, o babalaô dirá:

*“O maior segredo a se impor é de guardar todo segredo que for confiado.”*

Há um conhecido caminho no Jogo de Ifá (também cultuado no *meridilogum*) que é considerado o dono da palmeira de azeite, do coqueiro e da tamareira.

Vamos chamá-lo, aqui, de Olu, “Senhor”.

Quando Odudua criou as três mencionadas árvores, tomou o cuidado de isolá-las, colocando-as em lugares diferentes.

A Tamareira foi colocada em Accra, o Coqueiro entre os iorubás de Oió e a Palmeira entre o povo de Ketu, no Dahomey.

Foram separados, de propósito, para ver como eles se sairiam na vida.

A Tamareira era o primogênito; o Coqueiro, o do meio e a Palmeira, o benjamim.

Cada um levava a própria vidinha em seus países, já adultos e com família.

Um belo dia, o pai resolveu sair pelo mundo a visitá-los, para ver se seriam dignos de maiores considerações e prestígio, por sua parte.

Olu é proibido de comer carne de cachorro e beber vinho de palma.

Tais interditos são chamados *euós*.

Somente pode comer esses alimentos proibidos junto daqueles que “têm a boca no lugar”, sabendo guardar segredo.

Pois bem: Olu dirigiu-se à casa da Tamareira, que se alegrou muito de ver o pai e, como prova disso, preparou-lhe uma refeição composta de uma pasta de carne de cachorro, regada a vinho de palma.

Olu coçou a cabeça e disse ao filho que não dissesse a ninguém que ele iria comer das iguarias proibidas.

O filho jurou segredo. Ninguém melhor do que ele guardaria o preceito do pai.

Olu comeu, bebeu e, para testar a discrição e grau de fidelidade do filho, tirou seus *idés* de ferro e colocou-os na esteira, fingindo tê-los esquecido. Despediu-se do filho e da mulher e se colocou a caminho.

A esposa da tamareira, ao ver as pulseiras, disse ao marido:

“Teu pai comeu e bebeu tanto seu *euó* que ficou bêbado a ponto de esquecer os braceletes... Vá devolvê-los, imediatamente!”

O filho foi correndo atrás do pai, chamando-o para que parasse e, como este fingisse não ouvir, gritou-lhe:

“Meu pai, aqui estão seus *idés* que o senhor esqueceu por ter comido cachorro e bebido vinho de palma...”

Olu, revoltado com a indiscrição do filho infiel, amaldiçoou-o, dizendo:

“Antes de eu comer e beber, perguntei se você era discreto para guardar o segredo e você disse que sim. Por sua indiscrição e quebra de palavra, você não será jamais bom para nada, o mesmo se estendendo à sua família. Suas folhas servirão, quando muito, para enfiar *cauris* e trançar chapéus!”

Após o episódio, o pai seguiu caminho rumo a casa do segundo filho, o Coqueiro, onde, infelizmente, a mesma história de indiscrição e infidelidade se repetiu.

Furioso, disse à árvore falastrona:

“Você não terá nome nesta vida e seus filhos não servirão para grande coisa.”

E, assim dizendo, muito chateado, foi à procura do filho caçula, a Palmeira de azeite.

Foi recebido com beijos e abraços, lágrimas de emoção e calor humano, o que não acontecera nas duas outras casas.

O filho cobriu a esteira com um pano branco, numa grande homenagem ao pai que, comovido, lembrou-se de que nenhum dos filhos mais velhos tivera esta lembrança.

“Que temos para comer, querido filho? Meu caminho é longo e tenho muita fome.

“Carne de cachorro em pasta de dendê e vinho de palma, meu pai.”

Olu repetiu a história sobre o *euó* e a necessidade de discricção, tendo tido como resposta o juramento de fidelidade, por parte do benjamim.

“Se o senhor me deu a vida, querido pai, como poderei lhe ser infiel??!”

Olu comeu e bebeu a fartar.

Estava tudo muito bom demais. O caçula e a mulher não mediram esforços, nem despesas, para alegrar o pai.

Fingindo esquecimento, Olu deixou os *idés* de ferro sobre a mesa e, após se despedir do filho e nora, pôs-se na estrada.

A mulher, no momento em que foi dobrar a esteira e recolher as cabaças, viu os braceletes. Chamou o marido:

“Meu marido, estes são os braceletes de seu pai, meu sogro. É preciso entregá-los imediatamente ao dono. Mas, lembremo-nos da recomendação feita por ele e de nosso juramento de discricção. Vamos enrolar os *idés* no pano branco e entregá-los a seu pai, em silêncio.”

A Palmeira foi e fez segundo os conselhos da mulher.

Olu, muito feliz, disse ao caçula:

“Meu filho, tudo o que for de você – seu corpo, seu coração, suas folhas, sua seiva, tudo, enfim – se tornará útil ao homem e enriquecerá.”

O velho pai transportara consigo três cabaças mágicas, cada uma destinada a um filho: a primeira continha a “utilidade universal”; a segunda, a “inteligência, que permite guardar segredos”; e a terceira cabaça continha a “facilidade de ser amado”.

Pela infidelidade e indiscrição dos mais velhos, Olu ofereceu as três cabaças ao filho caçula, abençoando-o, e a família, por todos os tempos.

---

## NÃO SE MARCA ENCONTRO NO IROCO DE NOITE

O macaco queria se casar e não tinha dinheiro.

Como era muito sabido, resolveu pedir a Dã, a serpente, cem *cauris*, obtendo sucesso na empreitada.

Entusiasmado, solicitou a mesma quantia a Kpo, o leopardo, fazendo igual empréstimo com Odé, o caçador.

Ficou estipulado pelos credores o prazo de três meses para o pagamento da dívida. Caso contrário, tudo seria tomado de volta com juros e correção monetária.

No dia estipulado, Dã foi cobrar a dívida, respondendo o macaco que lhe pagaria às 20 horas, devendo a serpente esperá-lo no pé de Iroco.

Kpo foi cobrar a dívida, dizendo o macaco que pagaria a ele no pé de Iroco às 20:30 h e que fosse pontual, porque ele, macaco, tinha muitos compromissos.

Fez o mesmo com Odé, marcando o pagamento para as 21 horas no mesmo lugar e cobrando promessas idênticas de pontualidade.

---

No horário combinado, Dã foi para o Iroco e nada do macaco aparecer.

Sentindo muito sono, deitou nas raízes da árvore e adormeceu.

Às 20:30h Kpo chegou, sem que visse a serpente. Começou a sentir tanto sono que se deitou no chão e dormiu.

Odé se dirigiu para Iroco no horário apazado. Lá chegando, avistou imediatamente Kpo e, para sua surpresa, o leopardo estava dormindo!

Odé nada tinha caçado naquele dia e esperava pegar Kpo há muito tempo...

“Que noite simpática!” pensava. Iria receber o dinheiro do macaco e pegar uma bela caça.

Sem titubear, deu uma flechada certa no leopardo que, alucinado de dor, caiu por cima da cobra e achando que esta tinha lhe picado, deu-lhe uma tremenda patada fatal, mas não a ponto de impedir a picada que Dã desferiu na perna do caçador, achando que este lhe tinha flechado, que maldade!

Icú, a morte, todas as noites passa pelo pé de Iroco, em suas eternas rondas. Surpresa ao ver tantas pressas, levou-as imediatamente para seu reino.

---

O esperto macaco jamais iria ao Iroco de noite. Lá moram espíritos, bruxas, feiticeiros e a morte aparece com muita pontualidade...

#### AS ÁRVORES SAGRADAS CAMINHAM DE NOITE E CONVERSAM

Havia um homem muito pobre, muito pobre, que estava desesperado com o rumo de sua vida.

Perdera o emprego, não tinha o que comer, suas roupas eram verdadeiros andrajos.

Saiu andando, andando, pensando em sua adversidade, até que entrou na floresta (sem perceber) e continuou caminhando.

Veio a noite e tudo envolveu com suas trevas e o homem teve de procurar abrigo.

Por sorte, era noite de Lua cheia e o homem encontrou refúgio no oco de uma grande ceiba.

O cidadão tomou muito cuidado ao entrar, pois a árvore era cheia de flores e espinhos e muito, muito alta.

---

Desde cedo aprendera a temer e respeitar estas árvores diferentes.

Sua avó, filha de africanos, lhe contara que a ceiba era uma árvore sagrada, que tinha dado refúgio à própria Virgem Maria e ao Menino Jesus, quando estavam sendo perseguidos pelos inimigos.

A Virgem se escondeu (e ao filho) num buraco grande da árvore, fazendo aparecerem muitos espinhos, para a maior segurança e proteção do menino-Deus.

Dizem que uma vez por ano Nossa Senhora aparece ao pé da ceiba, onde lhe presta homenagens.

Sua avó lhe contara, também, que o avô africano chamava a ceiba de *arabá* – a árvore sagrada, residência de Iroco, grande orixá, bruxo e feiticeiro, mas muito justiceiro e amigo fiel dos homens.

Exausto, o homem adormeceu.

Acordou, de repente, com a conversa de duas pessoas.

Olhou para cima e, graças à Lua cheia, se deu conta de que era madrugada fechada, hora de gente de juízo ficar em casa, sob os lençóis, com medo dos filhos da noite.

Prestando atenção, viu que uma das vozes era da própria árvore, que estava conversando com outra árvore idêntica, uma outra ceiba!

“Como era possível aquilo? Tinha certeza de que não havia outra ceiba por perto”, disse para seus botões, com medo de respirar alto.

Prestando melhor a atenção (desta vez completamente alerta), percebeu que a árvore havia caminhado alguns metros, para poder “tirar uma prosa” com a irmã.

Apurou os ouvidos:

“Pois é (dizia a outra árvore)... Eu vivo perto do palácio do governador e soube que sua filha está muito doente, muito mal mesmo. Dorme o tempo todo e o pai, desesperado, já gastou uma fortuna com médicos de vários lugares diferentes. O que ele não sabe é que a menina bonita está com uma profunda ‘carga de olhos’, uma superdose de ‘quebranto’ e que remédio de doutor não vai resolver. Se não derem uma providência logo, a moça morre. O governador prometeu casamento e fortuna para quem salvar a vida da filha” – dizia a novidadeira.

“Se eu fosse humano, bem que daria um jeito na coisa, a menina é uma beleza!”

“Eu também” – disse a outra, que nem desconfiava da presença do hóspede estranho.

“Se passarem nela milho branco, *acaçás*, um pombo, *ecuru* e velas, ela se salva... Depois tem que colocar tudo numa lagoa parada, perto de uma ceiba ou gameleira.”

O ouvinte esperou o dia raiar e foi até o palácio do governador, o qual, após ouvi-lo disse que faria da vida dele um inferno se faltasse à palavra, pois estava farto de aventureiros.

O homem fez o trabalho.

Instantes depois, a bela menina abriu os olhos e lhe sorriu. Estava curada! O governador, que ria e chorava o tempo todo, mandou fazer o casamento da filha com o pobre homem e os dois foram felizes para sempre.

O genro nunca se esqueceu de reverenciar a árvore responsável por sua boa fortuna, oferecendo-lhe muitos *obis*, *otim*, tudo do bom e do melhor.

---

QUEM PROMETE A IROCO DEVE  
CUMPRIR, SENÃO...

Havia uma vendedora de *obis* e *orobôs* que todos os dias, ao ir para o mercado, passava por um grande pé de Iroco e lhe deixava uma oferenda, rogando-lhe que ele a ajudasse a engravidar, assim, mais tarde, teria alguém para ajudá-la com a mercadoria que carregava na cabeça num pesado balaio e, também, companhia na velhice.

Prometia a Iroco um bode, galos, *obis*, *orobôs* e uma série de oferendas da predileção do Orixá da árvore.

A mulher concebeu e deu à luz uma filha, esquecendo-se da promessa no mesmo instante.

Ao ir para o mercado, escolhia outros caminhos, esquivando-se de passar perto de Iroco, com medo de que o orixá lhe cobrasse a promessa.

A menina cresceu, forte e sadia e, um dia, a mulher teve necessidade de passar, com a filha, perto de Iroco.

Não tinha outro jeito. Uma tempestade de vento tinha feito cair uma ponte e ela tinha que ir ao mercado pelo caminho indesejado.

---

Saudou a árvore, sem se deter, e seguiu seu caminho, com o balaio na cabeça.

A criança parou junto a quem lhe tinha dado a vida (sem de nada saber), achando Iroco belo e majestoso.

Apanhou uma pedrinha, uma folha caída no chão e não se deu conta de que a mãe seguia à frente, andando mais depressa que de costume, quase correndo.

Quando a mulher percebeu que tinha caminhado ligeiro demais, já estava muito afastada da menina.

Olhando para trás, viu a árvore bailando, bailando, imensa, imensa, falando da promessa abandonada.

As enormes raízes abriram um buraco na terra, suficientemente grande para tragar a menina, propriedade do orixá.

*"Quem prometer, que cumpra.  
Iroco dá, Iroco tira!"*

---

## OS CADÁVERES ERAM DEPOSITADOS NO IROCO

Antigamente, no início do mundo, não havia o costume de se enterrar os mortos.

Os cadáveres eram colocados nos pés de Iroco, para que Icó, a morte, fizesse seu serviço.

Foi um marido traído quem mudou este costume.

O marido se chamava Mofá.

Mofá era um homem muito bom, excelente marido e pai, para quem a pequena família era tudo.

Apesar de não negar nada aos entes amados, a mulher o traía com um amante da pior laia, trambiqueiro, oportunista, o oposto de Mofá.

Estava perdidamente apaixonada pelo amante e maquinava uma solução para viver com ele para sempre, nem um pouco preocupada com o marido e filho, menino de cinco anos, muito inteligente.

Alegando estar gravemente enferma (após combinar tudo com o outro), fingiu-se de morta para ser levada para o Iroco, onde se encontraria com o maganão e iria viver despreocupadamente em sua companhia.

---

Dito e feito. Mofá quase morreu de paixão com a morte da mulher amada, ótima mãe e muito fiel.

O menino demorou muito tempo para se recuperar, acabrunhado, doentio, mirradinho.

Mas o que se faz se paga!

O amante vendia doces no mercado e não gostava de trabalhar.

Preferia viver de golpes e ser sustentado por mulheres ingênuas, fortes para o trabalho.

Exigiu que a companheira fosse vender em seu lugar e ela não teve opção: ou iria, ou tomaria muitas pancadas.

Um dia, a mulher estava despreocupadamente sentada em frente de seu tabuleiro, quando deu de frente com o próprio filho, que aí reconheceu imediatamente e pulou em seu colo.

A mãe o afastou, bruscamente, dizendo que não era a mãe dele nada, e que nunca o vira antes...

Inconformado, o menino foi contar tudo ao pai.

E tanto fez, tanto "pintou" que o pai foi ao mercado e ficou louco de alegria ao reconhecer a esposa, gritando, a plenos pulmões, que Iroco lhe restituíra a amada do reino de Icó...

A mulher, pressionada, berrou o embuste, para a fúria do marido traído, o qual, após matá-la publicamente, a enterrou, para que não houvesse o perigo dela repetir a pantomima...

A partir de então, todos acharam melhor o enterro dos cadáveres.

É o mais seguro e menos arriscado para quem fica.

#### ORUMILÁ MOROU NO IROCO

Obatalá estava muito decepcionado com seus filhões varões, devido a atitudes de Orungam e Ogum, das quais nem gostava de se lembrar.

Jurou que jamais colocaria no mundo, novamente, filhos homens.

Aganju era um dos únicos filhos que jamais lhe causaria problemas.

Coincidentemente, sua mulher, lemanjá, engravidou e deu à luz um menino, para consternação de Obatalá, furioso com o rebento.

Ele não quis nem saber dele. Mandou que o filho, a quem deu o nome de Orumilá, fosse enterrado no

pé de Iroco, árvore de tantos poderes; ordem dada, ordem cumprida.

Aganju (sem que o pai soubesse) ia todos os dias com a mãe, lemanjá, levar comida e bebida para o irmão caçula, nesta altura jovem e bastante crescido, discípulo e amigo de Iroco, que o considerava como um filho seu, ensinando-o o que sabia sobre adivinhação e *ofós*.

As coisas iam de mal a pior no reino de Obatalá, que nem desconfiava de que o filho estava vivo e tinha grandes remorsos do que fizera, guiado pelos impulsos. Foi conversar com seu filho Exu, que lhe disse que todos os problemas que aconteciam eram por causa de Orumilá, enterrado no Iroco e ainda vivo e bem de saúde, tendo tudo para ser um grande adivinho.

Obatalá mandou que Exu desenterrasse o filho e o trouxesse à sua presença.

Ordenou, também, que fossem cortados pedaços de Iroco e, após todas as ordens cumpridas, fez da madeira um tabuleiro de adivinhação e o entregou ao filho, determinando que nada seria feito no mundo

dos orixás sem que Orumilá predissesse a sorte e as obrigações a serem cumpridas.

“Ordem dada, ordem executada.”

#### A CRIANÇA RECÉM-NASCIDA

Euá, deusa que tem o poder de ficar invisível, saiu a passeio pelas florestas, seu hábitat, e encontrou uma criança recém-nascida.

Era tão pequenina, minúscula, que mal cabia na palma da mão.

O nome da criança era Iroco.

Levou o serzinho para sua casa e o pôs na própria esteira.

A criança, sentindo-se amparada, imediatamente adormeceu. Euá colocou a comida destinada ao menino no chão, perto da esteira, para não acordá-lo.

No dia seguinte, qual não foi o susto de Euá ao ver que a comida tinha desaparecido e que o menino crescera a ponto de lhe atingir a cintura!

Admirada, perguntou:

“Como é que isto aconteceu?”

Respondeu-lhe Iroco:

“É que você dormiu...”

Ao se recolherem, à noite, Euá perguntou ao garoto se queria comer. Este, dizendo não ter fome, pediu que ela colocasse a comida ao pé da esteira. Comería depois.

Euá deixou a cama para Iroco e foi dormir em outro lugar.

No dia seguinte, a comida tinha desaparecido e Iroco tinha crescido tanto que ocupava a casa toda.

De noite, na hora de dormir, Euá tornou a oferecer comida e Iroco disse o mesmo, que fosse deixada no local costumeiro.

Euá foi dormir do lado de fora da casa, assustada com as proporções de Iroco e, fazendo-se invisível, voltou para dentro do recinto, prestando muita atenção aos acontecimentos.

Como por encanto, começaram a chegar vários orixás, destes ocultos que não se vêem no *Aiê*: *ajés*, *abicus*, *egunguns* e árvores sagradas.

Imediatamente perguntaram a Iroco se Euá estava dormindo: ao que Iroco respondeu:

“Está, sim, fiquem à vontade. Ela foi dormir do lado de fora.”

Os convidados noturnos começaram a dançar, cantar, bater palmas e comer, vorazmente, toda a comida que estava perto da esteira.

Iroco cantava, dançava, comia e crescia e a comida se multiplicava.

Euá, cada vez mais intrigada, resolveu ficar visível de novo e, jogando um *ofó* sobre todos os participantes, pediu ao gigante que lhe tomara a casa explicações sobre os acontecimentos.

Iroco respondeu que tudo acontecia por causa de NIÓ, o tímido senhor do crescimento, seu irmão, que vivia com ele, escondido, e que só aparecia durante as festas dos amigos noturnos, quando estes estivessem comendo, bebendo e não olhassem para ele.

Euá determinou que, a partir daquele dia, NIÓ ficaria invisível aos olhos dos mortais e que ninguém poderia ver o crescimento dos seres, em geral.

Toda a vez que alguém fixasse o olho sobre algo que estivesse crescendo, a ação seria interrompida, só retornando quando o curioso se distraísse.

Determinou que Iroco teria como proibição morar dentro de casa e mesmo ter uma casa. Viveria no tempo, do lado de fora, cercado por tábuas.

Isso porque, pela ação de NIÓ, quase que Euá é expulsa da própria morada. Se não fosse capaz de se tornar invisível, teria sido expulsa para valer.”

Iroco tinha se transformado num gigante bem bonito... Tão charmoso que dizem ter se tornado o amor secreto de Euá, que nunca se casou.

Ela, de vez em quando, invisível, deita-se sobre as enormes raízes de Iroco e põe-se a conversar durante horas e horas com o incomparável Senhor da árvore.

Este mito serve para contar o que acontece com a árvore que hospeda a gameleira, o Iroco brasileiro.

A criança pequenininha é a raiz de Iroco.

Euá é o hospedeiro da raiz que, depois de um certo tempo, pela ação de NIÓ, é engolido pelo incrível crescimento do hóspede, sempre acompanhado por seus “amigos”.

Daí é que os orixás mandam depositar suas comidas no pé de Iroco.

---

Tem “muita gente” que aprecia comer e só come de noite, quando ninguém vê.

*Eró, Iroco!*

*Arrô bô boi!*

---

## 14 | PALAVRAS FINAIS

Os mitos que vimos trazem a verdade do conhecimento popular, partindo da experiência que temos do sagrado, no dia-a-dia; e sagrado é sagrado, sua forma de expressão é contingente.

As pessoas vivem, precisam comer e beber, amam, constroem casas, perdem os pais e não têm dinheiro para o enterro, têm amores proibidos, desafetos, desejam filhos que não podem ter, perdem os filhos, esquecem-se das promessas e empréstimos, “dão um bonde, para recuperar um rato”, valem-se da própria esperteza, são omissas, pregam peças, são traídas, desesperam-se.

Os amigos dos amigos nem sempre são “amigos da gente” e a defesa vem de onde menos se espera... Como pode?! “Amor com amor se paga” e os orixás estão em tudo e fazem parte da vida de tudo: de seus filhos, dos outros, dos animais, das plantas... São gente e se transformam em animais, e os animais se multiplicam em gente, que faz parte do universo, num equilíbrio lindo com tudo que existe.

Iroco nos fascina pela complexidade que apresenta, reflexo da vida e de tudo mais. É árvore mágica, orixá, vodum, inquice; auxilia, opera milagres, hospeda orixás e entes perversos e complicados, impõe limites para o convívio com seus filhos e demais humanos e também apresenta caracteres de anti-herói, mostra um lado vingativo, oportunista, ladino.

Iroco é o tempo: o tempo age em seus troncos e folhas e nos compele a pensar na divindade como parte de tudo, divindade que se humaniza, mas também está em tudo: em rios, lagos, mar, pântanos, planícies, animais, no cair do Sol, na solidariedade, dentro de nós, na denúncia, na transgressão, na guerra; e fala a língua do vento que todos entendem.

O transcendente visto sob tal ótica é aquele ou aquela que dá, para a gente comer, a receita de que mais gostamos e precisamos, feita em infinitas cozinhas.

É o Deus de Francisco, que canta a natureza, de Teresa, para quem “só Deus basta”, de Julian de Norwich, “Deus, Pai e Mãe”.

Está em tudo e também se chama Iroco, Loco, Ocô...

É o amor, saído dos braços de Seu Júlio, ao abraçar a árvore sagrada, todas as manhãs.

---

## GLOSSÁRIO

- **Abadô** (iorubá *abadô*)

Milho. Comida dos orixás da família de Oxóssi.

- **Acarajé** (iorubá *akará*)

Bolinho de feijão fradinho temperado com cebolas e frito no azeite-de-dendê. Iguaria preferida de Oiá-lansã.

- **Acaçá** (iorubá *ekó*)

Iguaria feita de milho branco, sem tempero, cozida no vapor, enrolada na folha de bananeira. Iguaria muito popular na Bahia.

- **Acoicinacaba**

Vodum masculino (velho) da família de Davice. Nome pelo qual é conhecido o terreiro Maroalage, sito no bairro soteropolitano de Matatu de Brotas.

- **Acoúé** (iorubá)

Secretário.

- **Airá**

Orixá da família de Xangô, o qual tem os mesmos atributos do primeiro.

- **Ajés** (iorubá *aje*)

Como são chamadas as eleiés (v.)

- **Ajoiê** (iorubá *ajôié*)

Sinônimo de *olôyé*, o que tem posto, comando. No Opô Afonjá é nome feminino, sinônimo de equéde (Engenho Velho e casas da nação jeje), iarobá (Gantois) e macota (angola). O correspondente masculino é ogã.

• Alabê

Nome dado aos sacerdotes "tocadores", na nação de ketu.

• Alujá

Ritmo percursivo característico do Orixá Xangô.

• Asiwaju (iorubá)

Vanguardeiro.

• Assento(s)

Objetos consagrados, que representam a presença viva do orixá.

• Assobá

Principal sacerdote do culto de Omolu.

• Axé (iorubá *à se*)

Força, assim seja, magia e também nome atribuído às Casas de Culto aos orixás.

• Axexê (iorubá *à jèjé*)

Cerimônia fúnebre na nação ketu.

• Bate-Folha

Nome popular do terreiro Congo Mansu Banduquequé, fundado no início do século e sito em Salvador, Bahia, no bairro Mata Escura.

• Babá (iorubá)

Papai, pai.

• Bamburucena

Inquice feminino correspondente a Oiá, dos iorubás, também chamada de Caiango, Cajanju e Inkodiamambo.

• Bandanguame

O sucessor de Bernardino, no terreiro Bate-Folha.

• Bogum

O mais tradicional terreiro jeje-mahi da Bahia, localizado em Salvador, no bairro do Rio Vermelho de Baixo.

• Bomboxê (iorubá *Bangbose*)

Nome de uma das famílias pioneiras no culto iorubá na Bahia.

• Candomblé

Nome popular dado, no Brasil, às casas de culto a orixás, voduns e inquices. (Original bantu), Casa de oração. Para alguns, local onde se dança.

• Casa

Sinônimo de templo.

• Casa-Branca

Primeiro terreiro de orixás da Bahia, também conhecido popularmente por Engenho Velho, cujo nome é Ase Iya Naso Oka Bangbose Obitiku. Desta importante casa saíram os candomblés do Gantois e Opô Afonjá.

• Cavungo

Inquice, cujo orixá correspondente é Omolu e o vodum, Ajunsu.

• Doné

Sacerdotisa suprema, nas nações jeje-mahi e savalu (o masculino é doté).

• Ebome (iorubá Egbón mi, irmão(ã) mais velho(a)) Termo utilizado para os filhos-de-santo com a iniciação completa e tratamento que se dá a poucos e importantes veteranos.

• Efã (iorubá *efon*)

Povos de fala iorubá localizados em determinadas regiões da Nigéria. Nome dado a uma nação de candomblé próxima às nações de ketu e ijexá.

• Ègbé (iorubá)

Sociedade.

• Eleiés

Dono(a) do pássaro. Nome dado a feiticeiras que se transformavam em pássaros, também chamadas de lá mi (iorubá "minha mãe").

• Eu á (iorubá Iyewá)

Importante orixá feminino; senhora do rio do mesmo nome, a senhora das possibilidades.

• Filho(a)-de-santo

Iniciado na religião dos orixás, voduns e inquices.

• Gantois

Apelido do terreiro Ilê Iyá Omi Ase Iyamase, localizado, em Salvador, no Bairro da Federação.

• Guanguacessi

Nome de uma iniciada de Caiá (Caiaris), na nação congo, inquice correspondente à lemanjá dos iorubás.

• Ialorixá (iorubá *Iyálorisa*)

Sacerdotisa suprema dos orixás.

• Iamassê (iorubá *Iyamase*)

Orixá feminino da família de lemanjá (Iyamoja).

• Iansã

Outra denominação para o orixá Oiá.

• Iaô (iorubá *Iyáwó*)

Filho-de-santo até os sete anos de iniciação e com todas

as obrigações completas, quando passa a ser chamado de Ebome ou Ebame. Esposa(o) do orixá.

• Iarobá

Cargo feminino equivalente a equéde no Candomblé do Gantois.

• Iggi (iorubá)

Árvore.

• Ijexá

Povo de fala iorubá, localizado na Nigéria; o principal culto aos orixás Oxum (Osun), Erinlé e Logunedé é feito em Ijexá; o nome dado a uma nação de candomblé próxima à nação de ketu; ritmo sacro entoado nos terreiros das nações de ketu, ijexá e efã.

• Inquice

Divindade (ou divindades) dos povos bantus.

• Iwin (iorubá)

Prefixo do nome de iniciados para o Orixá Oxalá. No texto, sinônimo de orixás da família de Obatalá.

• Ketu

Localidade do Benin, antigo Dahomey, de língua e cultura iorubá, cujo chefe é o Alaketu.

• Kissanga

Inquice feminino, cujo orixá correspondente é Euá.

• Locossi

Filha(o) de Iroco ou Loco.

• Lojutogum (iorubá)

Nome de iniciação de um filho de Ogum.

• Mãe-pequena (iorubá Òjúbona)

A ebome que toma conta de alguém que está passando pelo processo de iniciação, ou complementando este processo.

• Meridilogum

Oráculo composto por dezesseis cauris.

• Mucondo

Cerimônia fúnebre na nação angola/congo.

• Nação

Expressão popular usada pelos membros dos candomblés, que toma como referência o culto dedicado aos orixás (nação ketu), inquices (nação angola) e voduns (nação jeje).

• Nengua de inquice

Sacerdotisa suprema nas nações congo-angola.

• Nochê

Sacerdotisa suprema no jeje-mina, do Maranhão.

• Obá (iorubá)

Rei. Prefixo do nome dos iniciados de Xangô.

Sacerdotes (masculinos) de Xangô, no Opô Afonjá.

- Obá Toji

Nome (iorubá òrukó) de uma iniciada de Xangô.

- Ogã (fonhougan)

Posto sacerdotal masculino.

- Oiá (iorubá Òyá)

Senhora dos ventos e tempestades. Principal esposa de Xangô; senhora dos espíritos, popularmente chamada de Iansã (Iyá messan, a "mãe dos nove céus").

- Oiê

Função religiosa, chefe.

- Oió

Principal localidade da Nigéria, de culto ao orixá Xangô.

- Ojás (plural; iorubá ojà)

Tiras de pano de mais ou menos um metro e meio de largura, usadas como parte do vestuário da filha-de-santo. Os ojás podem ser usados na cabeça, em forma de turbante, ou no peito, em forma de laço.

- Olhar

Expressão popular usada para consulta oracular.

- Oloroquê

Nome que se dá a Iroco, pelos povos efã e ijexá.

- Onijá (iorubá)

Guerreiro.

- Onikowiyi

Um dos doze obás de Xangô.

- Opô Afonjá (Ase Òpó Afonjá)

Terreiro dedicado ao orixá Xangô (Sàngó), fundado por Eugenia Anna dos Santos, Obá Biyi, em 1910, responsável pela liberação, no Brasil, de qualquer tipo de manifestação religiosa de origem africana, dado seus apelos ao então ditador Getúlio Vargas, por intermédio do ministro Graça Aranha. O Axé Opô Afonjá é localizado no bairro soteropolitano do Cabula (São Gonçalo do Retiro). É popularmente chamado de Candomblé de São Gonçalo.

- Orixá (iorubá Orisa)

Divindade dos iorubás.

- Osa (iorubá)

Diminutivo de orisá.

- Ossâim

Orixá das folhas, da vegetação.

- Oxóssi (iorubá Odé)

Caçador. Nome de divindade iorubá. O mesmo que Odé.

• Oxum (iorubá *Òsun*)

Orixá feminino, senhora da beleza, gravidez, águas doces.

• Oyakoromilonã (iorubá *Òyákoromilona*)

Nome de iniciado(a) para o Orixá Oiá.

• Pai-pequeno

O ebome responsável por alguém durante o processo de iniciação, ou complementação deste.

• Pelô

Apelido dado ao bairro histórico soteropolitano Pelourinho.

• Qualidade

Espécie, "da família de".

• Quartinha

Pequeno pote de barro, com tampa, onde se coloca água.

• Querebetã

Casa (templo) na nação jeje-mina.

• Ritari

Nome de uma iniciada de Bamburucena, na nação congo.

• Runtó (fon *Runtó*)

Nome dado aos sacerdotes "tocadores", na nação jeje.

• Sirrum

Cerimônia fúnebre na nação Jeje.

• Tata Capexi

Nome de um alto dignatário (iniciado) do inquice Cavungo, no angola.

• Tata Inquice, Tateto Inquice ou Tata Kimbanda.  
Sacerdote supremo nos terreiros da nação congo-angola.

• Terreiro

Sinônimo de casas de culto a orixás, voduns e inquices, no Brasil.

• Tumba Junçara

Terreiro angola fundado por Manuel Ciriaco de Jesus, Tata Ciriaco (Ludiamugongo), nas primeiras décadas do século, atualmente sito no Bairro da Vila América.

• Vodum (vodun)

Divindade do povo Jeje (fon).

• Vodunci

Iniciado(a) na nação jeje. Termo popularmente empregado para "sabido", "preparado". Aquele que valoriza o que aprendeu.

• Xangô (iorubá *Sàngó*)

Divindade iorubá.

• Xapanã

Um dos epítetos do Omolu.

• Xicarangoma

Nome dado aos sacerdotes "tocadores" na nação congo-angola.

• Zará

Uma das saudações do inquite Tempo, que pode ser saudado com "Eila manu, eila cumpadi".

## BIBLIOGRAFIA

- ABIMBOLA, Wande. *Yoruba oral tradition*. Ibadan: Ibadan University Press, 1975.
- AZEVEDO, Stella, MARTINS, Cléo. *E daí aconteceu o encanto*. Opô Afonjá: Salvador, 1988.
- AZEVEDO, Stella. *Meu tempo é agora*. Oduduwa: São Paulo, 1993.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. (Rito Nagô). 3ª edição. São Paulo: Nacional, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CARYBÉ. *Os deuses africanos no candomblé da Bahia*. African Gods in the candomble of Bahia. 2ª edição. Bigraf: Salvador, 1993.
- CACCIATORE, Olga G. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense, 1988.
- CARNEIRO, Edson. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1961.
- COSTA EDUARDO, Octávio da. *The negro in northern Brazil*. A study in acculturation. New York: J. J. Augustin Publisher, 1948.
- COSTA LIMA, Vivaldo da. *O conceito de "nação" nos candomblés da Bahia*. Afro-Ásia: Salvador, (12):65-90. Jun., 1976.

- . *A família de santo nos candomblés jêje-nagôs da Bahia*. Um estudo de relações intra-grupais. Salvador: UFBA, 1977.
- CABRERA, Lydia. *El Monte igbo-finda-ewe orisha – vititi nfinda*. 6ª edición. Colección del Chichereku. Miami: Florida. Julho de 1996.
- CHESI, Gert. *Voodoo – Africa's Secret Power*. 1ª edition – 1979-80. 2ª edition – 1980/81. Perlinger Verlag: Áustria.
- ELLIS, A. B. *The Yoruba – speaking peoples of the slave coast of west Africa Religions, Manners custom, laws, language etc*. Curzon Press Ltd. / Pilgrim Books Ltd.: London/Lagos, 1974.
- ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FATUMBI, Pierre Verger. *Ewe – o uso das plantas na sociedade iorubá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERRETTI, Sérgio. *Querebentã de Zomadônu – Etnografia da Casa das Minas do Maranhão*. Edufma: São Luis, 1996.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- GLASGOW, Roy. *Nzinga*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- LIGIÉRO, Zeca. *Iniciação ao candomblé*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- LUZ, Marco A. de O. *Agadá: dinâmica da civilização afro-brasileira*. Salvador: UFBA & Secneb, 1988.
- MARINHO, Roberval José. *Arte e educação no universo cultural nágó – o Ilê Axé Opô Afonjá – Um estudo de caso (1977-1978)*. São Paulo: ECAUSP, 1989 (tese de doutorado).
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *As senhoras do pássaro da noite – escritos sobre a religião dos orixás*. EDUSP: São Paulo, 1994.
- NUNES PEREIRA, Manuel. *A casa das Minas – o culto dos voduns jêje no Maranhão*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1979.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira. Os contatos raciais e culturais*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria da Casa do Estudante do Brasil, 1962.
- AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações da civilização. São Paulo: Pionera & Edusp, 1972.

- 
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1935.
- SANTOS, Deoscóredes M. dos. *Contos crioulos da Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SANTOS, Juana Elbein. *Os nagô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SÁLÂMÌ, Sikirù. *A mitologia dos orixás africanos*. São Paulo: Oduduwa, 1990.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Tr. Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987.
- . *ORIXÁS – deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1981.